RELAÇÃO

DA PROVINCIA DO Brazil

— 1610 —

Relação da Provincia do Brazil — 1610. Do P. Jácome Monteiro — (*Vitae 153, 54*). — Note-se o H inicial, com o coração encimado da Cruz e dentro as Quinas Portuguesas. — Relação inédita, que se publica neste Tômo em Apêndice.

Relação da Província do Brasil, 1610

(Do P. Jácome Monteiro)

Esta Relação, *não assinada, mas escrita em 1610 pelo P. Jácome Monteiro, secretário do Visitador Manuel de Lima, completa relações precedentes, de assuntos semelhantes, como as de Fernão Cardim, igualmente secretário do Visitador Cristóvão de Gouveia. Redigiam-se quer* ex officio, *quer a rogos do Assistente em Roma ou dalgum Superior de Portugal.*

Assinala-se esta pela preocupação das coisas concretas, buscando as razões delas e dos costumes dos Índios, com os quais, quando se lhe oferecia ocasião, se punha o P. Monteiro em contacto directo, como se observa nos ritos funerários dos Índios, a que assistiu. Com a particularidade, neste caso, de deixar aí os elementos positivos com que o identificamos como autor.

Dá-se à Relação *a forma gráfica actual, por ser documento relativamente longo, e poupar ao leitor médio o embaraço de desdobrar abreviaturas antigas com que não está familiarizado e em que são fáceis os equívocos. Não tem faltado quem, vendo* C.º, *lesse* Convento, *quando tratando-se de Casas da Companhia se deve entender* Colégio. *E assim outros desdobramentos incorrectos, que entram a circular com prejuízo da exactidão. Como é da praxe, conserva-se o que toca à morfologia,* pera, pola, *etc.*

O especialista de Etnografia sem esforço identificará os termos da sua competência. E o zoólogo ao achar entre os bugios, o nome de berequig, *logo reconhecerá os macacos que, na linguagem moderna, se chamam* burequins (Eriodes arachnoides *e* Eriodes hypoxanthus). *Aparato crítico, útil, neste e noutros casos, mas com seu lugar marcado em monografias autónomas, não nesta secção documental.*

Parte dos subtítulos são do P. Jácome Monteiro; parte abriram-se agora para apontar o itinerário da Relação, *subindo do Sul para o Norte: estes vão entre cancelos.*

É esta Província uma das maiores 4 partes do mundo. Está situada dous graus da parte do Sul e vai correndo 55 graus pera o Sudoeste até o Estreito de Magalhães; e assim parte dela cai debaixo da zona tórrida e parte da temperada. Com o Oceano se divide de Congo e Angola.

Pera a vida é este Brasil a melhor parte desta América, assim pola bondade dos mantimentos e ares como das águas. O ser tão sadia, como é, me parece nascer dos Nordestes, Lestes e Suestes, ventos mareiros, os quais cursam a mor parte do ano, cuja viração entra polas 10 horas, e continua até à meia noite em

que de ordinário acalma, parece por respeito dos vapores que se levantam, gerados da espessura das árvores e vales apaulados; e estes comumente se resolvem em chuva e orvalho, e com a nascença do sol de improviso fica um céu mui claro e limpo. Está toda a terra coberta de um perpétuo arvoredo o qual nunca perde a folha, e posto que os nâturais o achem gracioso, aos que nascemos no Reino serve mais de malenconia, por ser um verde mais escuro e espesso, que de prazer.

Tem muitas e mui grandes fontes das quais tomam princípio os rios mais caudelosos que vão regando esta costa, assim da parte do Norte como do Leste e Sueste até desembocarem no mar.

Entre estes Rios, o da Prata é mui famoso, que corre trinta e cinco graus da banda do Sul, e tem outras tantas léguas de boca. Principia-se em uma fermosa alagoa, rica de ouro, prata e pedraria. As ribeiras deste rio são povoadas de muitas cidades e vilas de gente Espanhola.

O 2.º é o de S. Francisco, que por uma boca não mais de meia légua do Norte pera o Sul, descarrega as águas no mar. Está talhado de muitas ilhas, é fundo sobre os mais, navega-se até 70 léguas, e daí por diante não, por respeito de uma cachoeira que terá de altura mais de 400 braças, da qual se lança com um medonho estrondo. Querem os naturais que tenha sua nascença na mesma lagoa donde rebenta o Rio da Prata.

50 léguas de distância, não menos famoso nas águas e corrente, está o Maranhão, o qual dentro de si recebe muitas ilhas, e na barra dizem ter uma, mui espaçosa e povoada de infinito gentio. Tem de boca 7 léguas, vai parar no oceano pera a banda do Norte, e por espaço de 50 léguas pelo Sertão acima recolhe a água salgada, e estas mesmas; é navegavel de quaisquer embarcações. Neste dizem se metem dous rios que vêm descendo do Sertão, por um dos quais entraram os Portugueses, quando foi do descobrimento, que fizeram o ano de 35 e navegaram por ele acima 250 léguas, e interromperam a navegação por ser o rio pouco fundo e incapaz das embarcações.

Há outro a que chamam o Rio das Almazonas, por elas o povoarem, como temos por certas relações. Terá 30 léguas de boca, talhado todo de várias ilhas frescas e aprazíveis. Tem seu nascimento na mesma alagoa que o Rio da Prata e S. Francisco. Por ele abaixo, do Peru, vieram navegando alguns Espanhóis 600 léguas, deixando outras tantas que ele fará em voltas, até virem cair no mar oceano.

Além destes tem outros sem conto com que se rega toda esta costa, aos quais se ajustam muitas e mui grandes baías, mui povoadas de pescado, e capazes de todo o género de embarcações. O comum das águas, assim dos rios como das fontes, é serem mui boas e mui sadias, e o mesmo é bebê-las que suá-las.

[Capitania de S. Paulo ou Piratininga]

Suposta esta generalidade, quero começar pola mais remontada parte deste Brasil, que é a Capitania de S. Paulo, ou *Piratininga*, por outro nome, que na linguagem brasílica, é o mesmo que peixe salgado.

Vizinha esta Capitania com o trópico de Capricórnio, por estar em 23 graus e meio. Nos ares, clima, águas, rios, fontes, campinas, me pareceu mui semelhante a Portugal. O sítio da povoação é sobre o teso de um pequeno monte,

às raizes do qual se principiam grandes campos mui povoados de gado vacum e de cavalos e éguas, que vêm a ser tantas em número, que não têm preço; porque ao tempo que residimos naquelas partes se vendiam mui bons cavalos, cada qual por um chapeu ou meias calças, e as vacas andaram em almoeda, sem haver quem as quisesse aceitar, por três patacas, que era a dívida pela qual se rematavam.

Há também nestes campos muitas e mui gostosas perdizes, que querem arremedar as de Europa, na cor e cantar, mas diferem na grandeza e peito, que basta pera fartar qualquer bom comedor.

Dão as terras muito bom trigo quase sem nenhuma indústria, e há falta de moinhos que já se vão levando; e conforme aos rendimentos das searas daqui se pode prover de farinhas, a mor parte deste Estado, porque a terra é tão bem acondicionada que acode com cento por um.

Tem mais muitas e mui boas vinhas, com os outros fruitos do Reino, que só esta parte cria, por nela haver a mesma têmpera de ano que há em Europa, porque no Inverno se cobre de geada, neve, caramelo; e o Verão é bem temperado; as águas são muitas, assim de rios como de fontes sem conto, e as melhores que imaginar se podem.

Os moradores são pola maior parte Mamalucos e raros Portugueses; e mulheres há só uma, a que chamam Maria Castanha. São estes de terrível condição, o trajo seu, fora da povoação, é andarem como encartados, com gualteiras de rebuço, pés descalços, arcos e frechas, que são as suas armas ordinárias.

Nas serras desta povoação há as minas de ouro que descobriu Dom Francisco de Sousa que ora é Governador das partes do Sul, em que elas caem. As melhores e mais nomeadas se descobrem em uma alta serra, a que os Índios deram o nome, *Ibira Suiaba*, pau que chupa, e dela se tem tirado muito e mui fino ouro, por ser todo ele de 23 quilates e meio, e excelentíssimo pera dourar. Estas Minas, e ouro se tira junto às ribeiras de rios, outro nos mesmos rios e lagoas, outro na serra, a qual em partes é um monte de cristal, entre o qual se descobrem grandes grãos de ouro e algumas pedras de preço, que a natureza cria no meio do cristal. Também se acha ouro de beta, que ao modo de prata se tira por fundição, como outra espécie, que se acha nos ribeiros e regatos, miudo, como areia, a que chamam voador. E este é o do sumo rendimento, e que nunca pode faltar, como dizem os que entendem deste ministério.

Acham-se mais uns grãos dos quais vi algum de valia de 7 mil réis; e com estes me mostraram um prato grande cheio de outros mais miudos, o que tudo somaria três mil cruzados, que se tiraram, escolhendo-o dentre a terra que até o presente não usam de outra invenção para o colher. E o certo é que não há ribeiro que não leve suas areias de ouro; e serão estas minas de sumo rendimento se houver quem as saiba beneficiar.

Há mais nesta terra grandes minas de ferro, e montaram muito, por haver grande saca dele pera o Paraguai e mais partes do Peru.

É o Sertão desta Piratininga povoado de muitas e mui várias nações de gentio, dos quais são os *Moromomins*, e destes a menor parte se vieram à Igreja. No viver são mui semelhantes aos Aimurés, porque sua habitação não é certa, sustentam-se de caça, frutos do mato, não prantam mandioca, nem outro algum legume à guisa do mais gentio, dormem no chão sobre ramos ou ervas, falam com muita pressa, e na pronunciação vizinham muito com os Castelhanos e ainda

nas feições. Têm muitos e mui vários jogos, os quais festejam em público terreiro, ganhando e perdendo arcos, frechas e qualquer outra cousa de que usam; e nisto são singulares, porque nenhum gentio põe preço a jogo algum. A linguagem de que usam é mui dificultosa: não há entendê-los. Valem-se os Nossos de intérpretes, e cedo Deus querendo o escusarão, porque temos um Padre por nome de Sebastião Gomes, que os vai entendendo com imenso trabalho e diligência que tem posto nesta empresa.

Além destes, temos notícia de outros a que chamam os *Bilreiros*, por trazerem nas mãos uns paus roliços a modo de bilros, com os quais guerreiam com tanta destreza, como com espingardas, e são tão certos no tiro que raramente erram, e com tal força despedem o pau que até os ossos moem com a pancada; usam mais em suas guerras de uns paus farpados, ao modo de arpão, e estes trazem presos por grandes cordeis, os quais arremessando-os aos contrários, os arpoam como peixes, e os trazem assim com tanta pressa, que o mesmo é arpoá-lo que levá-lo às costas pera comer; e naquela conjunção que estivemos em Piratininga tinha sucedido matarem eles uns poucos de brancos por esta arte.

Há outros a que chamam *Carijos*. Estes são mais domésticos e políticos, porque homens e mulheres trazem suas tipóias de algodão que são ao modo de aliarávia mourisca, têm suas casas em que vivem, prantam mandioca e legumes, têm boa aparência e graça exterior, e há entre eles alguns tão bem proporcionados como quaisquer dos Europeus. Alguns destes vieram para os Padres, e vêm descendo milhares deles, os quais foram buscar dous Padres, por ordem do P. Visitador.

Do mar a esta Vila haverá como 18 ou 20 léguas, a primeira das quais é por uma serra tanto a pique quanto o eu não sei escrever, e se não foram as raízes das árvores que servem de degraus aos caminhantes, não se puderam andar. Chama-se esta serra *Paranàpiacabá*, lugar donde se vê o mar; porque do alto dela se descobrem infinitos esteiros, talhados todos por entre mangues mui verdes, que são umas árvores que nelas nascem, multiplicam como silvas, os quais fazem uma vista mui aprazível e que mais parece artificial que natural.

[De Santos ao Rio de Janeiro]

Duas léguas ou 3 do pé desta serra, voltando pera o Norte, como irei em toda esta descrição, está a Capitania de Santos, povoação de até cem vizinhos, na qual temos uma Casa, em que de ordinário residem quatro e 6 dos Nossos. Foi esta Capitania mui florente, mas vai-se acabando, com também outra a ela vizinha, que chamam S. Vicente, na qual os Nossos tiveram uma Casa mui acomodada, que os Ingreses haverá 20 ou mais anos queimaram. Aqui determinou o P. Inácio de Azevedo, de santa memória, fundar um Colégio, por ser a terra de mui bons ares, águas, fresca, o qual não teve efeito por respeito do Rio de Janeiro, em que se fundou.

Nestas Capitanias não vi cousa notável, salvo a barra de Santos a que chamam Britioga, corrupto vocábulo, que o próprio é *Biritioca*, que na língua dos Brasis quer dizer Casa de Bugios. Está esta barra fechada com duas fortalezas, que a fazem mui defensável. Uma delas está já arruinada, e nesta estava situada

uma ermida de Nossa Senhora, em a qual, estando o nosso santo Anchieta em oração de noite, se viu nela um grande resplendor e ouviu música de Anjos, como testemunharam pessoas que se acharam neste acontecimento.

Quatro léguas desta barra aparece a Ilha de S. Sebastião, junto à qual se faz uma larga enseada a que chamam Marambaia, a qual dentro em si, por espaço de 14 léguas, recolherá mais de 300 ilhas inhabitáveis, povoadas porém de muita caça, onças e outras alimárias bravas. Saindo desta Marambaia se levantam umas altas serranias de pedra viva, em as quais de rocha talhada se forma um passo, chamado *Caruçu*. Bota algum tanto pera o mar, pelo qual respeito fica tormentoso e dificultoso de passar. O P. Santo Joseph, quando queria explicar a dificuldade de algum negócio: "é mais trabalhoso de efectuar do que é o *Caruçu* de dobrar". Enfim é o Cabo de Boa Esperança deste Brasil. Nós o passamos em uma calada da manhã em uma canoa remada por 50 remeiros.

Nesta enseada de Marambaia esboca suas águas um rio mui fresco e fermoso, chamado na língua da terra, *Guandú açú*, o qual vem de muitas léguas do Sertão, abundante de pescaria, as ribeiras do qual andam cheias de muito gado vacum dos moradores do Rio de Janeiro. Não longe do *Caruçu* se vêem umas furnas cavadas do mar e em duras pedras, nas quais muitas pessoas viram as Nereidas ou homens marinhos, bem diferentes do que pintam os poetas, porque quem os viu mortos e mirrados, e alguns ainda palpitando nestas furnas fora de água, dizem não serem meios peixes, mas em tudo perfeitos homens, baços nas caras, e calvos, sem cabelo algum na cabeça, e as plantas dos pés largas ao modo de patos, mas com cinco dedos em cada um deles. Um temporal, que nos deu, nos tirou o vermos esta curiosidade, que, como cousa comua e de cada dia, não fazem preço dela os moradores destas partes.

Em uma ponta desta Marambaia pera a banda do Norte, se faz uma baía, de 6 ou 7 léguas, na qual se entra por uma barra chamada *Guaratiba*, que na língua da terra quer dizer lugar de pássaros vermelhos, dos quais há naquela paragem infinitos, de cores mais finas que toda a púrpura. A terra desta enseada que vizinha com o Mar, é valhacouto e povoação de onças, a que chamam *Jaguares*, cão verdadeiro.

Entre a barra de Guaratiba e o Rio de Janeiro fica um porto causado de um rio que desce do Sertão por nome *Pojuca*, navegável de embarcações pequenas, aprazível e fresco. Da banda do Sertão o cercam serranias, que vencem as nuvens, a que chamam a *Gávea*, e nós a chamamos a Serra de Guaratiba, a qual aos mareantes serve de baliza pera tomarem a barra do Rio de Janeiro. Vê-se ao mar, 10, 12 léguas. De fronte do *Pojuca* se faz uma alagoa de légua e meia de comprido, e pouco mais de meia de largo, farta de pescado; é nomeado por respeito de dous engenhos de açúcar a que ele dá o principal socorro e meneio.

[Rio de Janeiro]

Desta alagoa, olhando pera o Norte, se principia a barra do Rio de Janeiro, por natureza e sítio a mais forte de quantas se tem descoberto. Procede esta barra ao modo de uma ferradura, na boca tão estreita que não terá de fuga mais que um tiro de mosquete; e pera mor fortificação no meio dela arrebenta uma lagem, na qual andei de espaço, e achei ter de comprimento 120 pés, de largo

60 palmos. De uma e outra parte vão correndo serras de viva pedra e talhadas rochas, e pera mor segurança se fecha em 2 fortalezas, que fazem a entrada de todo impossível. Pera a banda do sul, fronteiro à lagem se levanta um penedo piramidal de estranha grandeza a quem as nuvens ficam polas raizes. Chama-se Pão de Açúcar pola semelhança. Esta barra se alarga tanto pola terra dentro, que vem a fazer 6 léguas de largo, e de comprido termina-se em 9 e 10, impedindo-lhe ir mais avante as serras em que vai parar. Da barra, uma légua pera a banda do Sul, fica a Cidade do Rio de Janeiro, da invocação de S. Sebastião, porque quando se conquistou dos Franceses e hereges, e Tamoio, gentio cruel, visìvelmente se viu ao glorioso Mártir ajudar aos Nossos, o qual milagre se prega todos os anos.

Está dividida a Cidade em duas partes, uma delas ocupa o alto de um grande monte, no qual os primeiros conquistadores, Mem de Sá e seu sobrinho Estácio de Sá, por ser lugar mui defensável a edificaram. Aqui está a Sé, Câmara, e o nosso Colégio, que não dá ventagem aos pequenos de Portugal. A afeição que os moradores têm à Companhia é extraordinária.

Ao sopé deste monte, se estende uma espaçosa várzea, na qual está a mor parte da Cidade por respeito do mar, com que vizinha. Terá a Cidade como 2 mil vizinhos e é rica, e sê-lo-á cada dia mais, se as minas laborarem; e quando estas faltarem basta o comércio que tem no Perú e Angola.

A baía desta povoação é mui fermosa e aprazível, a cujas ribeiras estão as Fazendas e Engenhos dos moradores, que são 14. Terá dentro em si como até 40 ilhas, muitas delas povoadas, outras pera ornato da natureza.

Vêm nela cair do Sertão muitos rios caudais. O mais famoso é o do Macucu, que dizem ser maior que o Tejo. Pelo Sertão dentro está povoado obra de 14 léguas, abundante de mantimentos da terra, arroz, farinha, da qual se carregam pera Angola todos os anos, a troco de peças, quarenta mil alqueires. Nas madeiras é famoso, por se acharem, junto às suas águas, paus que têm 40 e 50 palmos em roda, dos quais fazem embarcações cavadas nos troncos destas árvores, e inteiriças, de comprimento de 60 e mais palmos, e de largura que recebem pipas atravessadas, e meneiam-se com remeiros e vela. Em uma destas viemos de S. Vicente, remada por 50 e mais remeiros; e são tão ligeiras que furtam a vista os olhos com muito correr. E assim é muito pera ver cento e mais canoas esquipadas, arremedando uma batalha naval, correndo umas contra as outras, com os remeiros nus, que igualmente despedem a frecha e remam sem se enxergar falta em uma e outra ocupação; a isto se ajunta uma grita medonha que os Índios de quando em quando alevantam nesta escaramuça que mete notável horror. Nesta forma nos receberam em algumas partes, em que temos Aldeias vizinhas ao mar.

Mas, tornando à baía do Rio de Janeiro, pera a parte do Norte tem a nomeada Serra a que chamam dos Órgãos, por estar semeada de penedos mui agudos com tal correspondência entre si, abaixando uns e alevantando-se outros, que se assemelham a Órgãos. Nesta serra, nos meses de Janeiro e Fevereiro, em que o sol anda sobre ela, todas as tardes se levantam medonhas trovoadas com raios e coriscos, os quais caindo sobre ela, se vêem arder em vivas chamas os penedos como se fossem paus secos, e neste tempo de verão se ateia de tal sorte, que dura 8 e 10 dias contínuos.

É esta Serra dos Órgãos tão alta que estando mais de 20 léguas da barra e Cidade, aos que vêm de mar em fora parece estar sobre ela; está talhada com muitos rios, os quais em dias claros parecem alvos lançois que entre aquela penedia se lançam a enxugar.

Dos Rios é o mais nomeado o Magé, pelos *piraìqués*, que nele se dão, e pera que se entenda que cousa seja piraìqué, há-se de advertir qual seja a forma e disposição do rio. Antes de entrar no salgado, espaço de uma légua é mui direito, largo e limpo. A largura chegará até 25, 30 braças; de altura não mais que 5, 6 palmos. No mês de Junho vêm desovar a este rio infinitos cardumes de tainhas e corimás. Nas águas vivas de lua nova tapam a boca deste rio com varas e esteiras; depois pisam muita quantidade de timbó, que em Portugal responde ao barbasco; na vazante da maré enchem o rio de sumo destes paus com o qual se embebeda o peixe, de sorte que nenhum escapa, e toma-se tanto que com passarem as embarcações que dele se enchem de 120, 140, ficam serras de peixe sem se aproveitar. Este *piraíqué* se chama real, porque se não pode dar sem ordem da Câmara, pera o qual se bota pregão 15, 20 dias antes. Disseram-me que se ajuntavam nele perto de duas mil almas. *Piraìqué*, na língua da terra, quer dizer entrada de peixe.

[Cabo Frio]

Desta barra até o Cabo Frio, tão nomeado dos mareantes, correndo pera o Norte, há 18 léguas sem porto algum, posto que se vejam muitas ilhas, mas em nenhuma delas há surgidouro pera embarcações. É o Cabo Frio um dos famosos do mundo como têm os cosmógrafos, que entre os três mais nomeados Guardafum, e o de Esperança, apontam este. A terra é montuosa, antiga morada dos Tamoios, a mais guerreira e belicosa gente, que houve neste Brasil; ao presente está despovoada.

Tem em si dous portos mui excelentes, o primeiro se fecha em duas altas serras de que se forma o Cabo: é fundo, circular, tem duas barras uma a Leste, outra a Lesnordeste. Nele ancoramos, por falta de tempo, e fizemos uma grossa pescaria, por haver ali infinito pescado, do qual se matou algum à frecha. Não tem água, salvo em uma pequena alagoa, que no verão seca de todo o ponto. Remedeia-se esta falta com cacimbas. Da terra firme pera o mar deitará três ou quatro léguas. Ao longe representa figura de uma sela que ao perto são três morros mui altos. Neste Cabo reinam de ordinário Nordestes e Nornordestes. Os ventos mareiros do Sul são raros, como disse Abrahamo Ortélio falando deste clima, que parece é milagre de natureza gozar de ordinário ventos contrários ao Sul com que vizinha.

Deste porto se forma uma baía, que se remata em parte em vários esteiros, nos quais em Janeiro e Fevereiro, quando os anos são secos, se beneficia pela natureza tanta quantidade de sal que podem carregar dele muitas urcas, e fôra de muita estima se não requeimara a carne e peixe; serve contudo temperado com o do Reino.

Dobrando o Cabo, da banda do Norte, está outro porto bem conhecido dos Franceses, chamado Casa da Pedra, onde por muitos anos comerciaram com os Tamoios, carregando pau do Brasil, de que aquelas montanhas estão povoadas.

Daqui foram lançados pelos governadores António Salema, Cristóvão de Barros, Salvador Correia, os quais de tal sorte assolaram o gentio tamoio que não há já nome dele. Deste Cabo à Ilha de S. Ana são 12 léguas. É acomodada pera os navegantes, por ter bom surgidouro e água. Entre ele e o Cabo ficam as Ilhas da Âncora e dos Bugios, [despovoadas] por não terem sítio nem porto.

[Goitacases]

Da Ilha de S. Ana té à Paraíba, que podem ser 16 léguas ou 20, corre uma enseada povoada de um gentio, a que chamam *Goaitacases*, tão feros e bárbaros, que nunca se deixaram entrar nem conversar. É esta enseada mui perigosa, por chamarem muito as águas pera a praia, e assim têm dado nesta paragem algumas naus à costa. Os moradores não perdoam a cousa viva, tudo comem, habitam em umas choupanas, palhaças mal compostas. O sítio é alagadiço; e assim, quando os acometem, como já fizeram os nossos por vezes, e de novo pertende Dom Francisco meter nesta empresa toda a força, porque arrancando daquela paragem aquele infame padrasto, fica o caminho por terra livre do Rio até à Baía, e as embarcações navegarão mais junto à terra e mais seguras, metem-se pelos pauis e alagoas, e não podem ser entrados de gente de pé nem de cavalo. São tão grandes nadadores, que a nado tomam e alcançam os tubarões, metendo-lhe paus tostados pelos olhos, e a cosso tomam o peixe mais miudo. Estão murados com dous rios, entre os quais habitam, sem nunca entrarem pelo Sertão, nem deixarem as ribeiras do mar, em cujas areias prantam alguns legumes e mandioca, pouca. Não têm de distrito mais que 20 léguas, nas quais dizem estar duas nações; andam em perpétua guerra, comem-se uns aos outros, mas tanto que sabem que os Portugueses lhe querem dar guerra unem-se em um corpo, e de crueis inimigos se tornam infieis amigos.

[Reritiba e Guaraparim]

Dos Gaitacases à Capitania do Espírito Santo vão 30 léguas, no meio das quais está um rio chamado Reritibe, na língua da terra *Rio de Ostras*, por haver ali muitas e boas. Dele pera o Sul começa a Capitania de Pero de Góis, que foi a primeira povoação de Portugueses nesta paragem. Junto a este rio está uma Aldeia de gentio, que temos a nosso cargo, e terá perto de três mil almas, aonde nos fizeram mil festas por mar e por terra, já a seu modo, já à portuguesa, esperando-nos uma légua antes da Aldeia, a qual toda estava de uma e outra banda, cercada de palmeiras que pera o dia se trouxeram, aonde os Principais Morubuxabas, vestidos ao natural, com os giolhos em terra, nos davam as boas vindas, acompanhados de colomins, bem empenados, e mui bons dançantes e tangedores de frautas, violas, e com bandeiras, arcabuzaria, e mil outras invenções. No princípio da Aldeia saiu o *Morubuxaba o açú* com uma cruz fermosa e bem enramada na mão, acompanhado de dous filhos seus, ricamente empenados, e fazendo uma arenga ou prática da entrega de sua Aldeia, meteu ao P. Visitador a cruz na mão e os meninos se botaram por terra, largando os arcos e frechas. E com notável devação, entoando um *Te Deum laudamus*, nos fomos à Igreja, na qual se lhes fez uma prática por intérprete, que pera isso levávamos conosco.

Pus isto de passagem, porque o que nos fizeram de festas em todas as Aldeias não tem conto.

Neste Rio de Reritiba, 5 léguas ao Norte, está outro porto, chamado Guaraparim, que quer dizer *guará manco*. Aqui temos outra Aldeia.

[Espírito Santo]

Daqui 10 léguas está a Capitania do Espírito Santo, a qual antigamente foi mui rica, e hoje está quase desbaratada. Tem bom porto, estreito e dificultoso de tomar, havendo qualquer resistência. A Capitania está situada em uma ilha, cercada em contorno de grandes montanhas ou rochas de pedra viva. Foi povoada por Vasco Fernandes Coutinho, tem 8 Engenhos de açúcar, as terras são boas, mas os moradores de pouca indústria e pouco trabalhadores. É fértil de madeiras, pau Brasil, real, branco, amarelo; aqui se colhem os bálsamos tão prezados nessas partes, nesta forma: agolpeia-se a casca de umas árvores mui altas e grandes, semelhantes às quais não há nenhumas nesse Reino, mui grossas no tronco, e bem copadas; depois de bem feridas pelos golpes, vão metendo algodão no qual se embebe o suco, que sai como de golpe da vide, e de dous em 2 dias o espremem em cocos ou cabaços, tirando de cada uma das árvores quantidade de uma canada e mais. Nesta Capitania se fazem as contas de bálsamo, e é a melhor droga da terra, porque dela comem e vestem os moradores de ordinário.

Junto à barra desta Capitania está um monte, que pode competir com o Olimpo, o alto do qual se remata com um penedo, que terá de circuito 300 e mais braças, aonde está edificada uma ermida da invocação de N. S. da Penha, a melhor e de mais devação que há em todo o Brasil, e com os nomeados deste Reino pode entrar a contenda. É de abóbada a capela, o corpo da ermida de arcos abertos, por causa das tempestades; tem vista sobre o mar e terra até os olhos mais não alcançarem; ao pé do penedo tem umas casas mui boas pera se recolherem os romeiros. Aqui fizemos nossa romaria, com alguma devação e boa música, em favor da viagem, quando vínhamos do Rio pera a Baía.

8 léguas desta paragem está o Rio dos Reis Magos, junto ao qual têm os Nossos uma Aldeia, em que estive muitos dias, em a qual baptizámos e casámos a muitos, que pera memória tomaram nossos nomes, que nos casamentos tinham mais graça e eles que o sabiam festejar! É este rio mui grande, partido em dous braços, um corre ao Noroeste, outro ao Nornordeste; e farto de inumeráveis lagostins, que só se acham em suas ribeiras.

[Rio Doce]

10 léguas acima, se segue o Rio Doce, povoado de muitos Tapuias ou *Aimures*, gente salvagem, e que tinha posto em grande aperto a terra destas partes, por serem mui fortes e mui manhosos em armar ciladas. Nós os apaziguamos, e são tão domésticos agora, que na brandura levam ventagem a todo o mais gentio. Por este rio se vai às esmeraldas dos *Mares Verdes*, tão nomeados e nunca de todo descobertos. Havê-las é certo, e um sacerdote me disse, que a elas foi, haver naquela paragem muitas serras de cristal, dentro do qual se acham finas esmeraldas, das quais vendeu duas por bom preço; no que lhe podemos dar crédito,

porque eu tenho em meu poder um pedaço de cristal, dentro do qual se iam criando uns diamantes verdes e mui fermosos ao parecer em figura piramidal. De novo, por ordem de sua Majestade, tem lá mandado no fim do ano de 609 o Governador Dom Francisco de Sousa. Esperávamos cada dia resolução deste negócio por irem juntamente dous Padres nossos nesta ocasião buscar gentio àquelas partes.

[Os Abrolhos]

Do Rio das Caravelas à Vila do Porto Seguro vão 20 léguas, no meio das quais ficam os baixos dos Abrolhos, tão temidos dos Navegantes, e em especial dos que vão pera a Índia. Mas não sei com que fundamento, porque pera eles, sempre ouvi dizer, este é o mais perigoso passo de navegação e causa de arribarem muitas naus, tendo pera si que lançam ao mar mais de 60 léguas. Mas na verdade, quando mais lançarão 20, como me disse o Piloto do nosso navio, bem experimentado nesta carreira, e juntamente a experiência que mandou fazer Diogo Botelho, sendo Governador deste Estado, por dous pilotos; e nós andámos sobre eles 40 e tantas horas com tempestade, não mais da terra que 4 ou 5 léguas. São estes baixos de pedra mui mole, em muitas partes descobertos sobre a água, noutras fundos, e vão fazendo por antre estes arrecifes uns canais, por que passam embarcações pequenas. A pedra é tal que não resiste à embarcação, antes tocando-a se desfaz como pó. Da banda do mar se terminam estes baixos, em três ilhas pequenas, que eu vi escalvadas e postas em fileira com pouca distancia umas das outras; ao longo delas é o mar navegável a toda a embarcação. Começam estes baixos 8 léguas abaixo da Capitania do Porto Seguro pera o Sul, em um lugar, a que os Índios chamam *cherimbabo*, que quer dizer cousa medonha; da terra estão lançados ao Leste ou Nascente.

[De Porto Seguro à Baía]

A Capitania do Porto Seguro foi a primeira que os Portugueses povoaram neste Estado. Teve três vilas populosas, a primeira era da Santa Cruz, onde Pero Álvares Cabral tomou porto no descobrimento destas partes; a 2.ª, Vila de Porto Seguro, que está lançada junto a um rio, com bom surgidouro de navios; a 3.ª foi a Vila de S.to Amaro, agora, *jam seges est ubi Troya fuit*. Está a Capitania mui acabada por respeito dos *Aimurés*, que anos há a infestam. Agora ùltimamente, este ano de 609, alevantando-se os *Tupinaquins* e não há muitos anos eram doutrinados pelos nossos, deram na Vila e destruiram, matando muita gente portuguesa, fica em paz por meio de dous Padres nossos, que lá mandou o P. Visitador, que, enfim, o Brasil sem a Companhia montará pouco se o desempararmos. E contudo isto, não devem faltar murmuradores, que devem seguir mais a paixão que o bem comum.

De Porto Seguro aos Ilhéus há três léguas povoadas de muito bom pau do Brasil, e repartidas com quatro rios mui grandes. Foi esta Capitania mui florente por ser o melhor torrão de terra do Brasil. Despovoou-se quase em todo, por causa dos Aimurés. Está situada junto a um Rio chamado São Jorge, o qual, posto que na barra seja dificultoso, dentro faz bom surgidouro, pera naus grandes. Ao sair dele estivemos perdidos. Neste rio se vêm meter do Sertão

três mui fermosos, e navegáveis de barcos e canoas, nos quais estão situados alguns Engenhos, e se podem fundar muitos, havendo posse, e serão de grande rendimento. Acima deste está o de Taípe, Rio das Pedras, que brota de uma alagoa, que terá de largo uma légua, e faz-se de muitos rios que da *Serra de Baìtaraca* ali se vem ajuntar. Tem no meio uma Ilheta de arvoredo mui fresco; o peixe não tem número.

6 léguas abaixo corre o Rio das Contas, que de muitas léguas do Sertão vem descarregar as águas no mar. Tem a barra mui dificultosa pola fúria com que corre. O nome tomou, como dizem os antigos, de um sucesso, e foi, que portando ali uma embarcação castelhana, vendo-se em perigo disseram: *aparelhemo-nos, hermanos, que oy tenemos de dar nuestras cuentas.*

Desta paragem ao grande Rio Camamú, há 6 léguas. Tem uma barra mui bem assombrada, posto que pera nós o não foi como desejávamos, porque choveu tanta água que nos houvera de alagar. Tem por baliza uma Ilha chamada *Quiepe;* dentro é capacíssimo, e se vai alargando em modo de baía, retalhado com muitas ilhas e esteiros, de infinito peixe e marisco. Toda esta baía participa da água do mar até 9 léguas, e vai parar ao pé de uma alta serra, da qual cai este rio em uma cachoeira espantosa, da qual se lança a água com tanta fúria que se ouve o estrondo muitas léguas.

Meia légua deste Rio corre Cerinhaém, cuja barra, ainda que não é tão capaz como a de Camamú, é bastante pera receber caravelas e navios pequenos. Navega-se até 6 léguas, faz porém com sua queda do Sertão uma das fermosas cachoeiras destas partes, dividida em 3 taboleiros de pedra, que mais parecem artificiosos que naturais, por cujo respeito lhe puseram o nome da *Trindade.* Terá de altura 300 palmos, e é tão grande o estrondo da água que de muito longe representa atambores de guerra. Junto a este *Rio Cerinhaém,* que na língua quer dizer *prato de caranguejos,* por nele haver muitos, correm grandes serranias de Norte a Sul, das quais serranias rebentam 10 ou 12 ribeiros que o fazem mor que o Tejo.

Três léguas da barra do Rio de Cerinhaém, está outro que começa do Morro de S. Paulo, deixando feita, pera a banda do Mar, uma ilha de comprimento de 6 léguas, chamada *Boipeba,* Cobra larga, a qual é capaz de todas as embarcações, maiormente da parte do Morro, onde faz um excelente porto, abrigo das naus, que vêm de mar em fora, em especial de estrangeiros imigos, que nesta paragem vêm fazer aguada em uma ribeira caudal, que aqui corre de muita e boa água. Deste Morro pera dentro fica um Rio chamado Tiranhém, povoado antigamente de muito gentio, agora de Portugueses.

[Baía, Cidade do Salvador]

Segue-se, 12 léguas desta paragem, a Baía, por outro nome, Cidade do Salvador, que é a Lisboa do Brasil.

Posto que por vezes se escrevesse o sítio desta Baía, eu falarei em breve, por não faltar na principal cousa do Brasil, a juízo de Indiáticos que aqui aportam, e lhe dão o primeiro lugar entre as partes de Ásia. Está em altura de 13 graus; os ares, clima, água, mantimentos, os melhores de toda a costa; tem 12 léguas de barra que tanto há da ponta e fortaleza de S. António ao Morro de S. Paulo, depois vem estreitar, de sorte que fica em três léguas, que é o espaço que há de-

Taparica até o surgidouro dos navios, cujo porto é excelentíssimo, mui limpo de baixos, e fundo, capaz de todas as embarcações. A cidade está uma légua da fortaleza de S. António pera o Leste, situada em um alto, fermoso, e plano. Terá como mil e mais vizinhos, é abastada de todos os mantimentos, assim da terra como do Reino, e de muito negócio mercantil com que em breve engrossam os mercadores. Cada ano dá carga a perto de cem navios. Tem esta Baía muitas ilhas. A mor que lhe fica de fronte se chama *Taparica*, pedra torta, tem 6 léguas de comprido.

A cousa mais notável que tem esta Baía é contar em si 63 Engenhos, e mais de 600 ou 700 Fazendas grossas, todas à beira do mar. Daqui nasce haver nesta cidade perto de mil embarcações de serviço, em que entram barcos muito grandes de porte de cem caixas de açúcar. Nos Engenhos se farão mais de 300 mil arrobas, por em alguns se fazerem 10 e 12 mil.

É o material dos Engenhos uma casa: de ordinário terá 70 ou 80 palmos de largo, de comprido 120, 130; tem duas gangorras que respondem aos feixes de lagar, mas na grandeza não são comparáveis: este é o peso com que depois de moída a cana, se espreme o bagaço; a moenda da qual é uma roda como de azenha, que dentro se vem terminar em dous rodetes, cada um de grossura de uma pipa, guarnecidos em roda de verdugos de ferro de 6 palmos em comprido, que são os dentes que cortam a cana, e se movem com movimento quase imperceptível; depois de moída a cana a metem em umas caixas de pau, redondas, de três palmos em alto, aonde com o peso das gangorras, meneadas por bois, a espremem até ficarem bagaço.

Isto quanto aos Engenhos de água.

Outros há que chamam Trepiches, os quais moem com bois. São dificultosos e artificiosos, por causa de quatro rodas muito grandes com que se fabricam.

Têm estes engenhos duas casas.

A uma chamam a casa das caldeiras; nesta estão quatro, mui grandes, em que se bota o mosto das canas, umas chamam de cozer, outras de melar, pelas quais o mel foi passado até se lançar em quatro tachos nos quais o temperam, e põem em ponto, pera dali o lançarem nas formas; a esta máquina de caldeiras respondem suas fornalhas, consumidoras dos matos do Brasil, por gastarem infinita lenha.

A outra se chama casa de purgar. Tem de ordinário 50-60 palmos de largo, e mais de 100 de comprido; nestas estão feitas umas andainas, 3, 4 palmos de alto, de taboado aberto com círculos redondos, sobre os quais assentam as formas de açúcar, que levarão de ordinário mais de arroba, e em se purificar gastarão 50, 60 dias, o que se faz com certo barro que de preto o torna alvo como jaspe.

A gente, necessária para o meneio de um engenho, das portas a dentro são 50, 60 negros, e 30, 40 bois, tirando os trepiches que requerem cento e mais; isto além das barcas, que sempre são duas, três, etc.

Fará de gasto um Engenho cinco mil cruzados. Renderá 20, mas tem muitas quebras com a morte dos negros, que morrem muito à força do trabalho.

Dá-se nas ribeiras desta Baía muito e mui excelente gengibre, que bastara pera enriquecer, se não fora droga proibida. Tem muito algodão, pau Brasil, e grandes vacarias.

[De Sergipe a Pernambuco]

50 léguas desta Cidade está a Capitania de Seregipe del Rei, que na era de 1591 se ganhou aos Topinambos e Franceses, que dela tinham feito uma arrochela, com ajuda de 30 Aldeias que naquela paragem havia, em que se contavam 20 e cinco mil homens de peleja. Daqui levaram a França muito pau Brasil, pimenta, gengibre, etc.

Há nesta paragem 4 rios os mais famosos de toda América. O primeiro é o Rio Real. Com uma légua de largura, se mete no mar. 6 léguas dele está o de Vaza Barris assi chamado, por desastre de naus que neste rio deram à costa; é mui capaz, mas esparcelado e semeado de bancos de areia, por isso mais perigosos, porque não são estáveis. Logo três léguas se segue o de Seregipe; 12 depois o de S. Francisco, tão caudeloso, que mais de uma légua ao mar se bebe água doce. Terá de comprimento arriba de 600 léguas. Os Índios lhe chamam em sua linguagem *Pará gaçú*, Mar Grande. Há deste Rio a Pernambuco 50 léguas, talhadas todas com inumeráveis rios, povoados de muitos engenhos, a força dos quais é em Porto do Calvo e no Rio de Cirinhaém, que por outro nome se chama dos Albuquerques, por junto a ele terem uma Vila e quatro Engenhos. Segue-se o Rio de Pojuca, que é o melhor torrão de terra que se sabe pera a planta da cana. Depois vem o Cabo de S. Agostinho tão ruim de dobrar como experimentámos e esperamos experimentar este mês de Abril, que vem, porque de ordinário reinam ali Nordestes, que são por proa aos que navegam destas partes pera Portugal. Nesta paragem do Cabo, mora um homem chamado João Pais, senhor de 7 Engenhos de água, avaliados em 300, 400 mil cruzados.

A Vila de Olinda, chamada comumente *Pernambuco*, Mar Furado, está situada em um monte sobranceiro ao mar de boa casaria, ricos moradores e cavaleiros, que só no dia do recebimento de Dom Diogo de Meneses, Governador que ora é, tanto que ali chegamos, o receberam 400 homens de cavalo, mui bem concertados, e que podiam aparecer em qualquer parte de Europa. É esta terra mui fertil de açúcar, de que tem 120 Engenhos, e dele carrega, 130, 140 navios cada um ano. O pau de Brasil desta Capitania é o melhor de todo o Estado. Aqui temos um Colégio muito lindo, e a ele anexas 6 Aldeias, em que os Nossos residem, nas quais haverá 10 mil e mais almas.

[Itamaracá e o Norte]

Cinco léguas desta Vila começa a Capitania de *Itamaracá*, que quer dizer pedra metida em cousa que toa, e por este respeito dão o tal nome aos sinos e campainhas. Contém em si a povoação de Goiana e a cidade da Paraíba, da qual 40 léguas está a Capitania do Rio Grande, que conquistou os anos atrás Manuel Mascarenhas Homem, estando mui forte com Franceses e Petiguares; e foi a derradeira ladroeira, que de Franceses se lançou fora deste Brasil, ficando os moradores com isto em paz. Cinco léguas do Rio Grande vai virando esta a Loeste, entrando na grande província do Maranhão e das Almazonas, até entestar com as Antilhas de Castela. Todo este espaço está habitado de gentio fero e bárbaro, como se saberia por uma Relação, que daquelas partes se enviou a esse Reino, do P. Luis Figueira, que passou boa parte deste Sertão.

Relação do gentio do Brasil, e seus costumes

Conforme a variedade das terras, assim variam os gentios no nome, chamando-se os de Pernambuco Petigoares, os da Baía Tupinambos, Amopiras, os dos Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo Tememinos, os do Rio de Janeiro Tamoios, os de S. Vicente Carijos, os pelo sertão mais adentro Arachãs, Tabajaras, e outros. Todos estes diferem pouco no modo de viver e mais ritos.

E há outros, que chamam Tapuias e mais comumente Aimurés, que estão neste espaço de 140 léguas, que há da Baía ao Espírito Santo. A informação que deles tenho é a seguinte:

Primeiramente, antes deste gentio estar em paz conosco, o mesmo era nomear Guaimuré a qualquer género de pessoa que ameaçá-la com todo o mal; e assim em qualquer parte que aportavam ficavam eles os senhores, porque em continente, lhe despejavam tudo. Chamam-lhe os bichos do mato; de nenhum género de gente, nem de armas têm medo, porque nunca pelejam em campo, senão de ciladas; vivem de caça, fruta, mel silvestre, trazem consigo de ordinário as mulheres, filhos, e o móvel, que são arco e frechas, as quais fazem com cunhas de pedra e dentes de porcos montezes. Dividem-se em várias castas como o gentio da terra, chamando-se Guerem Guerens, Patutús, Napurús, Craempee, Piíouriís, Conconhim, Brue Brue, Capajos, Cariris. Mas nenhum se nomeia pelo de Gaimuré, que quer dizer nome mau, ladrão, matador, prezando-se todos do nome de *Guerem Guerem*, posto que os Patutus, que vivem na Capitania dos Ilhéus, sejam mais esforçados e valentes. Entre si andam em perpétuos ódios, dos quais se esquecem quando hão-de fazer mal aos Portugueses, pera o que se confederam e fazem em um corpo, e quem chamam Crenton, gente de cabelo feio, em respeito do seu, que trazem mui comprido, excepto as mulheres que o cortam, deixando-o de comprimento de 4 dedos, e untam com almécega ou resina de árvores, ficando tudo uma pasta, sobre a qual por galantaria lançam soma de penugem de pássaros.

Nas orelhas, assi homens como mulheres, trazem umas pedras redondas, brancas, e quanto maiores tanto mais graves; os beiços furados e cheios de pedras, e estas brancas, como as das orelhas, porque das verdes, de que os mais Índios se prezam, não fazem conta; em nenhuma estima têm ouro, nem prata ou qualquer outro metal ou peça de preço; todo o seu está no comer como epicuros; não usam de vinhos nem de outras potagens. Pera eles se fizeram as fontes e os rios. As capelas dos olhos trazem tintas de vermelho, tomado de certo barro, ao qual os Índios chamam urucu, e dela fazem também, por bem parecer, dos giolhos até os artelhos, seus borzeguins mui bem lavrados.

São mui fáceis em dar libelo de repúdio às mulheres, largando umas e tomando outras, e o mesmo usam elas com os maridos; aos meninos, depois de nascidos os atam as mães aos pescoços, e como bugios os trazem nesta forma às costas um ano, porque acabado ele, ainda que lhe tirem as ataduras, não caem, tanto vale o costume, e nesta forma correm com eles por entre os matos como se nada trouxeram. As casas são de folha de altura de 8, 9 palmos; nelas não duram espaço mais que de um mês. Estão umas das outras apartadas de ordinário um tiro de mosquete, de sorte que dando algum contrário o salto nesta, com o urro que dão avisam os mais pera se porem em salvo e os acorrerem sem serem sentidos;

cercam-nas de espinhos ou as fazem entre eles ou junto de algum grande lamarão; não usam de redes para dormir. No chão fazem as camas de umas folhas largas, e todos se lançam em pinha com algum fogo a redor pera se aquentarem, nem têm principal a que hajam de obedecer. O que tem maior família, esse o é da sua. Ao mais esforçado e valente seguem na guerra, e nela não têm ordem alguma, porque seu pelejar é de assaltos e ciladas atreiçoadas; fácilmente se escondem debaixo de pequenas folhas.

E pera fazerem a sua, são mui sofredores de trabalhado. Quando andam caminhando e fazem alguma jornada, tomam umas embiras, que são como estopas ásperas, e molham-nas no mel agreste, e, com as chuparem somente, se mantêm por muitos dias. São mui amigos de carne de bugios, aos quais fazem caçadas como cousa de mor recreação, que haja entre eles. Na destreza de atirar vencem a todas as nações, porque entre eles, é menoscabo lançar frecha sem se empregar. Há entre eles muito esquerdos, muitos cegos, os quais tratam com muita piedade, repartindo com eles de tudo que têm.

De maravilha se achará um entre eles que não seja cantor. Têm seus tiples, tenores, contrabaixos, cantraaltas, e tomam qualquer tom, que lhe dão. Usam de muitos jogos: o mais famoso é ajuntarem-se em rios 200, 300 de uma parte, e outros tantos da outra, dando-lhe a água pela cinta, e ali lutam os da Baía contra os do Porto Seguro, e Ilhéus, e até as mulheres saem a este desafio, que é alevantarem-se uns aos outros no ar, e dar com o contrário na água; e destas quedas se levantam tais ódios entre as partes, que as mais das vezes se pagam e acabam com mortes.

São mui bárbaros em alguns costumes, como quando morre a mulher, deixando criança de peito. Enterram-na juntamente com a mãe, dando por rezão: assi como assi hás-de morrer, seja logo com tua mãe. A isto ajuntam uma bárbara condição, inclinadíssima ao comer de carne humana, e assim a nenhum género de gente perdoam, salvo aos negros de Guiné, que por asco não comem. Todo este gentio está já de paz conosco, e é depois de domesticado mais brando que quantas nações há, meigo sobremaneira, não quebram por nenhum preço a lealdade, liberais sem cabo. Todo o mais gentio, nisto como em outras boas condições, pode viver com eles. São de estatura bem proporcionada, alguns de acatadura temerosa, outros tão bem engraçados como alemães; em especial algumas fêmeas não dão ventagem a qualquer nação na alvura.

Isto quanto aos Aimurés; daqui por diante relatarei todas as mais notáveis cousas, que pude descobrir do mais gentio desta costa, nas quais pola maior parte combinam.

Da notícia que tem o gentio desta costa do Brasil do Dilúvio

Não têm estas nações conhecimento de cousa alguma que Deus obrasse antes do Dilúvio, nem da criação do mundo, como nem do Criador dele. As almas têm pera si serem imortais, as quais dizem que morrendo se tornam diabos, de que têm extraordinario medo; têm certas paragens nos caminhos, em que põem suas ofertas a estas almas endiabradas, e se o não fazem cuidam que hão-de morrer; e vale tanto com eles esta imaginação, que assi lhe acontece a muitos, que dela fàcilmente se deixam levar; e posto que morram de doença natural, os mais dizem

que Foão morreu, por não oferecer presente aos diabos, ao qual comumente chamam *anhanga* ou *tangui pitanga, Macacheira*, etc. No que toca à imortalidade da alma têm pera si que despedindo-se do corpo vai parar em uns campos mui fermosos, talhados de rios, cobertos de arvoredo, e que ali se lhe ajuntam as de sua nação, pera viverem sempre alegres e cantando; dizem mais que as outras nações se sentam também ao longo do rio nesta campina, mais apartados deles, que vem a dizer com a opinião dos Poetas e seus Campos Elísios.

Têm clara notícia do Dilúvio e praticam entre si como o mundo se alagara com perda de todos os homens, excepto um irmão e uma irmã, que sobre duas árvores escaparam, e que por seu meio se tornou a povoar o mundo, e que destes procederam eles e as demais gentes. De haver Dilúvio dão esta causa; dizem que o Paí Tupã, que era o senhor do mundo, por certas rezões se anojou, e levou o Tamanduaré, filho seu, ao céu, aonde dizem está, e que levando juntamente com ele todo o seu móvel, do alto lhe caiu a enxada, e do golpe, que deu na terra, se fez uma cova e dela arrebantaram as águas, que alagaram o mundo. O mantimento com que os dous Irmãos, acabado o Dilúvio, se sustentavam chamam eles *camapu*, que é uma erva semelhante à que chamamos moura; e acrescentam que indo ambos buscar os *camapus* pera si e um seu menino, o Mairatupã vinha e dava de comer à criancinha, e que vendo os pais que quando tornavam, ele não queria comer por estar farto, espreitaram-no, e viram-no estar dando de comer ao menino; pegaram dele, ataram-no, e que pera que o soltassem lhe deu, em concerto, o milho e mais legumes que eles prantam, e que parece nesta confusão aludirem à prisão de Priapo e concerto das abelhas de Aristeu; e acrescentam que quando lhe deu o milho pera o prantar [o deu à mãe], donde nasceu serem elas e não os maridos as que prantam a mandioca, legumes, etc.

Contam mais que o *Tupam Mairá* é o senhor dos trovões, coriscos, relâmpagos. De Deus não têm conhecimento. Que há espírito si, ao qual chamam *Tupuxuara*, que igualmente quer dizer espírito, assim bom como mau. Dizem mais que este *Maira Tupã* dividiu entre eles as línguas pera que tivessem guerra com os Tapuias, mas não sabem dar a rezão delas. O comerem-se uns aos outros teve princípio de um irmão injuriar a sua irmã, o marido da qual não o sofrendo o matou e o comeu, e por isso se apartaram uns dos outros em diversas partes. O comer carne humana entre eles é mais por vingança que por gosto.

De quem lhe deu o fogo

Têm pera si que os primeiros povoadores do mundo não usaram do fogo, e que só por sua morte se descobriu. Sucedeu pois o caso desta maneira. Ajuntaram-se todos os pássaros, e se puseram sobre os defuntos; uns diziam que estavam vivos, outros que não; e pera resolverem a questão, se levantou o carcará e arranhou os rostos dos mortos até lhe arrancar os olhos, e vendo-o a *guaricuja*, que é outra ave de rapina, da qual contam não comer carne senão assada, tendo fome, foi buscar uns paus com os quais feriu fogo; e estando assando a carne destes primeiros homens, veio o filho a ver a sua mãe e tio, e vendo o fogo em que os assavam, arremeteu com eles, e lhe tomou o fogo, e deles aprendeu a o ferir, e juntamente o pera que servia. Sobre isto alevantam mil mentiras, e nelas não concordam. O pássaro *guaricuja*, senhor e autor do fogo, é entre os Índios pri-

viligiado e tem-no em tanta estima, que antes morrerão de pura fome que comer ou matar um deles; e com outro, a quem chamam *urubatinga*, guardam a mesma lei por ser seu neto.

Deste lugar, onde se feria o fogo, dizem o levou Jacu pera as partes do mundo, e que por este respeito tem o pescoço vermelho.

Dos costumes que guardam nos casamentos e outras particularidades

É costume entre este gentio não casar nenhum sem primeiro nomear algum contrário, em cuja cabeça haja de tomar nome, e até o não matar não casa. Antes de receber a mulher, por espaço de dous anos lhe fazem grandes festas de vinhos, que todo este tempo se preparam, respeitando sempre a qualidade e solenidade: a qualidade da pessoa, porque sendo algum principal, duram os vinhos mais tempo. No dia do recebimento se ajuntam grande número de convidados, assim da parte da mulher como do marido. A primeira noite armam uma rede, que nunca serviu, na cumieira da casa, e o pai da moça dá alguns golpes com uma cunha no esteio que sustenta a rede, dizendo que lhe corta o rabo; e daqui vem nascerem as crianças sem ele.

Antes de casarem não bebem vinho, e havendo-o de beber nestas bodas, os velhos amoestam ao noivo embebedor que atente como o faz, e que depois de beber no falar seja honesto, e por aqui uma prática a este toque; ela acabada tomam uma cuia, que é a metade de um grande cabaço, e enchendo-o de vinho lho dão a beber; e se o estamago lho não sofre, e dá mostras de querer vomitar, acodem logo dous velhos, que padrinham este auto, e lhe têm fortemente mão na cabeça, e se não vomita tem pera si que o tal será mui valente, e que ficava aprovado pera se achar a todos os beberetes, e aos que bebendo a primeira vez vomitam reprovam, e ficam sem aução pera se acharem nas festas dos vinhos.

Com os que aprovam no beber, usam mais esta cerimónia que é furar-lhe o beiço de baixo com uma ponta de veado; no buraco lhe encaixam uma metara, que é uma pedra verde cu branca, ou um pedaço de bugio do mar, e isto além de o terem e trazerem por gentileza, as estimam como peças de preço, e quanto maiores tanto são sinal de mor nobreza; e daqui vem a serem algumas de grandeza de um palmo, e os que têm esta divisa, pelo mesmo caso ficam habilitados pera falar em toda a parte, e pera entrar em seus conselhos e juntas, e aos que querem sejam os mais estimados e autorizados, além da metara do beiço de baixo lhe põem duas no de cima; outros trazem todos os beiços cheios destas pedras, respeitando aos imigos que mataram, e, conforme ao número, as trazem e acrescentam.

De como os armam cavaleiros

Um dos mores apetites, que tem esta nação, é a matança dos imigos, pelo que fazem extremos, donde nasce meterem-se com facilidade em evidentes perigos de morte, à conta de serem havidos por esforçados, que entre eles é a suprema honra e felicidade, tomando novos nomes, conforme aos contrários que matam, dos quais chegam alguns a ter cento e mais apelidos, e em os relatar são mui miudos, porque em todos os vinhos, que é a suma festa deste gentio, assi recontam o modo

com que os tais nomes alcançaram, como se aquela fora a primeira vez que a tal façanha acontecera; e daqui vem não haver criança que não saiba os nomes que cada um alcançou, matando os imigos, e isto é o que cantam e contam. Contudo os cavaleiros nunca fazem menção dos seus nomes, senão quando há festa de vinhos, na qual se ouve só a prática da guerra, como mataram, como entraram na cerca dos imigos, como lhe quebraram as cabeças. Assim que os vinhos são os memoriais e crónicas de suas façanhas.

As cerimónias que guardam, quando os armam cavaleiros, são as seguintes. Aqueles que na guerra a primeira vez mataram imigo, não entram logo na sua Aldeia, mas esperam em um tugipar, que é uma choupana que fazem pera o tal efeito, até se aprestarem os vinhos, no que se gastam 3, 4 dias; acabados eles, o vão buscar os velhos e mancebos, e o trazem com grande silêncio, mas contentes, sem bailarem nem tangerem; entrando pela Aldeia, saem-lhe as mulheres, casadas e moças, ao encontro, cantando cantigas, nas quais nomeiam muito a miudo o nome que o vencedor tomou no morto, e nesta forma o levam até o seu lanço, que é a casa em que ele mora, na qual o vinho está a ponto em mui grandes potes; chegando o fazem estar em pé sem se assentar, e um dos principais, que é como seu padrinho, toma uma espada de pau mui galante, concertada de muita variedade de penas, e mete-lha na mão, o qual, movendo-a pera uma e outra parte, como quem esgrime, lha torna a tomar, e lha põem debaixo dos pés; depois lhe bota ao pescoço um grande colar de dentes de onças; tomam mais umas penas das asas das andorinhas e metem-lhas nas orelhas em lugar de arrecadas. Esta cerimónia acabada, vem uma sua irmã, e não-na havendo a parenta mais chegada, e dá-lhe uma façanhosa cuia de vinho, a qual bebe encostado sobre a espada, e acabado de a beber, dão todos juntos um medonho urro, e correm os vinhos por todos, e com isto dão fim à armação do cavaleiro; que daquela hora por diante, de todos é havido por tal.

As quais cerimónias têm as causas porque se usam; são as seguintes: Mandarem-no esperar e não entrar logo na Aldeia é quererem festejar seu triunfo; e acompanharem-no dizem que é pera exemplo e emulação dos que vêem o tal acompanhamento; e darem-lhe a espada é dizer que assim como matou aquele matará muitos mais, e o encostar-se sobre ela é que não terá medo das espadas dos imigos, e que os meterá debaixo dos pés, como fez àquela espada; o deitarem-lhe colar de dentes é que ao modo que as onças são valentes e temerosas, assi o será ele dali por diante a seus contrários; e pôrem-lhe as penas das andorinhas nas orelhas, é dizer que assim como elas voam muito e sem cansar, tal há ele de ser no seguimento do contrário, e pera fugir quando convém.

Do costume que têm quando matam os imigos em seus terreiros [1]

Esta é a mor solenidade e de maior concurso de quantas tem esta gentilidade, a qual eles sobre as mais festejam concorrendo de muitas léguas, em especial quando o que hão-de matar é tapuia ou algum principal afamado, a cuja matança sem exceição concorre todo o género de gente, grandes, pequenos, etc. O modo que guardam, prendendo algum imigo é o seguinte. Antes de chegarem à Aldeia, fazem-no a saber aos moradores, pera se aperceberem, fazendo um tugipar fora

dela, em que há-de descansar o Tapuia, o qual à porta dele é esperado de todo o mulherio que o recebem com paus nas mãos, com que lhe dão muita pancada e nele tomam seus nomes como os homens; e, pera que o não percam, não fica nenhuma sem lhe dar sua pancada. Acabada esta festa dos paus, ao dia seguinte lhe pintam o rosto com genipapo, que é uma fruta de uma árvore, mui semelhante na folha ao castanheiro, da qual se tira um negro muito fino, e aonde quer que toca dura 9 dias sem se poder tirar com algum remédio: a isto ajuntam cascas de ovos moídas, que assentam sobre alméçega, de que tem untado o rosto; este ofício é das velhas, que na pintura se esmeram. Acabada esta cerimónia, se põem em ordem pera se ir pera a Aldeia, botando-lhe um colar ao pescoço de algodão, de grossura de um braço, com três cordas, de comprimento de três, quatro braças; e na noite em que chegam, lhe dão por mulher uma filha daquele que o tomou, ou uma parenta das mais chegadas; e a causa é pola honra que daquele casamento lhe nasce, porque tendo filhos do Tapuia, neles hão de tomar os mesmos nomes, e com a mesma solenidade que no pai, porque cuidam estes bárbaros, que na criança não tem a mãe parte alguma, e que não concorre pera a geração, e assi dizem que não servem mais que de um saco; e por esta causa comem os filhos que foram gerados dos contrários, e este é o respeito porque lhe dão as filhas ou parentas mais chegadas; e cresce nestes tanto a brutalidade, que se três e mais tiverem todas lhas entregam pera o tal efeito, e dando-lhe seus caçadores, pescadores, que o mantêm como pato em carça, não lhe faltando cousa alguma, de modo que os tais de ordinário fendem de gordos. Deixando-o entregue à mulher ou mulheres, se despedem dele, dizendo-lhe como há de ser sua comida, esforçando-o que seja valente; e a isto lhe acrescentam tantas cordas ao colar de algodão, que no pescoço tem, que pesarão bem meia arroba; põem-lhe mais umas manilhas de fio mui grossas nas curvas dos pés, e outras nos artelhos, a qual cordoagem lhe põem pera que querendo fugir, empece nela, e não vá desembaraçado; põem-lhe por guarda a mãe ou tia daquele que o tomou, as quais nem por um momento se apartam dele, seguindo-o a toda a parte, e de ordinário vigiam toda a noite.

Feita esta cerimónia gastam dous anos em fazer roçarias de mantimento pera a festa, mudam a Aldeia, fazem casas de novo, as mulheres cozem muita louça na qual o hão-de cozinhar, e pera fazerem vinhos, e nisto gastam de ordinário um ano. Preparadas as cousas necessárias pera este auto, levam o contrário a um rio, no qual o lavam muito bem as mulheres, e um dos principais lhe faz uma fala em que lhe diz que se farte de ver o sol aquele dia, e que jamais o não verá, e que não é ele só o que morre, mas que já tem mortos muitos dos seus parentes, e que muitos mais hão de matar e comer. Acabado este arrezoamento o trazem, cantando, ao terreiro da Aldeia, no meio da qual lhe têm feito uma casa, tiram-lhe as cordas, que trazia, e põem-lhe outras mui compridas, e mui galantes no feitio, nas quais gastam dous e três anos; de comprimento têm 20, 30 braças, não nas vendem por nenhum preço. Preso com as tais cordas, metem ao que há-de morrer muitas fruitas nas mãos pera que com elas atire a quem quiser, o que se faz com grande festa, a qual concluida, o atam com muitas voltas das cordas pola barriga, e nesta forma o deixam ficar uma noite com boa vigia; e sucede fugirem muitos por estarem quase bebados e levados do sono e cansaço de bailar.

Depois tingem o que há-de ser matador de um barro branco, a que chamam *tabatinga*, a qual cerimónia dizem eles que fazem pera que a alma do que ele há

de matar não entre na sua; metem-lhe após isto uma espâda na mão mui galante e empenada, e com ela na mão corre todas as casas, acompanhado de todos os moradores, os quais juntos vão bailando, com um bater de pés, bocas, e com uns urros e bater de armas, que é um espectáculo medonho, porque não há ferro velho que este dia não saia ao bailo; e nesta forma se vão aonde está o que há-de morrer, e o matador lhe faz uma fala, dizendo amanhã te hei-de matar, e jámais não verás o sol, por isso sê valente e esforçado, não morras como mesquinho, e procura de deixar de ti memória; e com isto acrescenta um motim, que é o seu bailo guerreiro, o qual faz com grande eficácia, e como cousa que lhe vai sua honra à vista de tanta gente. O dia seguinte, em saindo o sol, levam ao contrário a um terreiro, que têm no meio de suas casas, e será como as grandes praças e recios das cidades de Portugal. Aqui tomam os mancebos as pontas das cordas por que está atado, no meio das quais ele fica, porque querendo arremeter pera uma banda, o puxem pera a contrária; aqui jogam com ele touro com grandes gritas e alarides, até chegar o matador, que vem acompanhado dos mais esforçados da Aldeia, padrinhando-o alguns velhos, diante dos quais com a espada no ar vem bailando e saltando. Parando diante do que há de morrer, lhe fazem as cerimónias seguintes.

Toma um dos mais honrados a espada com ambas as mãos, e põem-na nos peitos do que há-de morrer, cruzada; e depois lha passa duas ou três vezes por baixo das pernas, e o mesmo fazem ao matador, o qual tomando-a nas mãos esgrime com ela sobre a cabeça do que há-de ser morto, e se o tal é animoso às vezes toma-lha, e dá-lhe com tanta ligeireza que o deixa morto, pera o qual efeito tem seus padrinhos, que em semelhantes sucessos lhe acodem; voltando, como disse, a espada, lhe dá com ela no toutiço, e dando com ele em terra lhe quebra a cabeça. Acham-se presentes as mães com os meninos, os quais se untam com os miolos e sangue do morto, e dizem como assim aquele matou o imigo, assim eles quando homens matarão outros. Feito isto, ajuntam-se todos, assim homens como mulheres e crianças, e cercando o morto alevantam um choro espantoso, que dura bom espaço; e isto fazem por memória e compaixão dos seus, que daquele modo foram mortos. Despois tomam o morto, e chamuscam-no como porco, e o repartem, pera a qual repartição têm um velho muito prático neste ofício, que entre eles é a suma dignidade, o qual dá a cada um seu quinhão, ao qual cada um faz particular festa de vinhos. O matador, no mesmo ponto que o mata, se lança em uma rede que lhe têm a ponto na qual está por espaço de um mês sem fazer cousa alguma em penitência, comendo só farinha sem beber nem se tosquiar. O mês acabado, tosquiam-no com grandes festas de vinhos. A qual tosquia se faz nesta forma. Têm no meio da casa uma pedra sobre a qual o assentam, e ali, uns bailando e outros cantando, outros bebendo, lhe fazem este ofício com muito tento e vagar, o qual acabado tingem-no todo de preto, e levam-no pelas casas e terreiros, e a cada passo bebem, e por fim o sarjam com bem de dores com as quais sarjaduras fica pintado, e medonho, porque nunca se lhe tiram, por lançarem nas feridas certos pós que tiram pera azul, os quais com o sangue fresco ficam eternos.

E desta maneira, se acaba a triste vida daqueles que lhe caem nas mãos, do qual caso não escaparam muitos portugueses. O assentarem-no sobre a pedra quando o tosquiam é dizer que assim como a pedra não morre, assi ele não há-de

morrer às mãos de seus imigos. Isto guardam na morte dos contrários com outras superfluidades e miudezes infinitas.

O costume e vingança que tomam, quando em briga ou por qualquer desastre se mata algum, é nesta forma. Depois de enterrarem o morto, tomam o matador, ainda que seja o principal da Aldeia, e matam-no do mesmo modo que ele matou, no qual consentimento vem toda a Aldeia, e enterrado o choram por alguns dias, como se morresse de sua morte natural. E com isto ficam satisfeitos, e sem ódios entre si. Contudo, se os parentes do que matou o defendem e não no querem entregar, tomam neles toda a vingança que podem, e deste princípio nasceram algumas guerras entre este gentio que foram causa de se apartarem uns dos outros, ficando em perpétuas desavenças e inimizade, e se comem uns aos outros como se nenhum parentesco, e liança tiveram. E um Padre nosso viu a um índio, que enforcou a sua mãe por, andando bêbada, matar um índio, por escusar guerras e enfadamentos, que necessàriamente houvera de haver se ele não enforcara a mãe.

Dos agouros que têm nas doenças, guerras e outros sucessos de cada dia

A mor superstição deste gentio é a que tomam dos agravos, os quais são tão ridículos, que só pera este fim se pode gastar tempo em os relatar. Quando algum está doente ou ferido, todos os seus parentes se guardam de comer cousa que seja contra a ferida ou enfermidade do doente, o qual achando-se mal põe a culpa àqueles a que é mais chegado, e assi acontece emagrecerem os sãos sobremaneira por não acertarem de comer cousa que possa ajudar a enfermidade e doença. As menzinhas mais provadas são uns cágados e outros animais, semelhantes a furões, que metidos debaixo das redes dizem têm virtude, na boca, pera sarar. Quando parem as mulheres, metem-lhe o dedo polegar na boca, porque isto faz com que os filhos que delas nascem sejam bons frecheiros, e não errem cousa alguma a que atirarem. Quando vão à caça metem uns paus debaixo do esterco porque com isto não foge. Não comem lagartos de água, porque quem os come não tem filhos; nem também os da terra, porque ao modo que estes fàcilmente perdem e não atinam com o buraco, assim eles quando fugirem aos contrários, se os comerem, não acertarão com suas casas. Não comem ventrechas de peixe nem de outros animais, pera que os imigos os não frechem polas barrigas, e quando vão dar guerra, se dormindo na rede cai algum dela, tornam-se do caminho e não vão por diante.

O seu dar guerra é de ordinário de madrugada, e se algum levado do sono tosconeja, tornam-se pera seus lugares por mais distantes que estejam; o mesmo fazem, quando tomam no caminho alguma caça, e cozendo-a, se vai a panela pelo fogo: cuidam que ao modo que aquela água se derrama pelo fogo, se derramará seu sangue pelos campos; o mesmo fazem, se a carne depois de cozida toma bichos, o que é mui fácil, por causa da muita quentura da terra, e dizem que assi como a carne toma bichos, assim seus contrários não os comerão, mas deixa-los-ão encher de bichos depois que os matarem, que é a mor desonra que há entre estes bárbaros; e se nos arraiais, que assentam, cai algum tugipar, que é o mesmo que casa, tornam-se, dizendo que assim como cai sobre eles aquela madeira, cairão

também frechas que os matem; quando vão caminhando pera a guerra, tapam quantos buracos acham no caminho, e a causa é pera que não sejam sentidos, porque cuidam eles e dizem que por aqueles buracos vai o tom de suas pisadas, e que o tal som os descobre, e então os contrários, sabendo-o, lhe vêm armar ciladas, e se advertindo fica algum buraco por tapar tornam-se.

Os sinais de alcançarem vitória são os seguintes: Se quando aparelham os vinhos pera estas idas e vindas, ouvem cantar algum corvo, é sinal infalível de vitória, porque assim como aquela ave se não sustenta senão de cousas mortas, assi eles nos corpos dos seus imigos; se ouvem alguma coruja, têm a mesma certeza de vitória, e a este tom deixo outros infinitos.

Dos agouros das mulheres

Para fiarem com pressa, tomam as unhas do tatupeba, que são semelhantes às do gato, posto que maiores, e arranham as mãos com elas, e dizem que com isto ficam boas fiandeiras. Não comem lagartos de água, pera serem modestas e não andejas, porque como o lagarto está de ordinário em um lugar, tais hão elas de ficar, comendo-o. Arrastam os filhos por cima das palmas, com que cobrem suas casas, porque não sejam chorões, porque como a palma não diz nada quando a pisam, assi eles, etc. Também usam desta cerimónia pera que sejam grandes como a palma. Para não terem dores no parto, lavam-se em uma joeira. Pera não criarem piolhos na cabeça, arranham-na toda com uns dentes de peixe a que chamam taraíra; quando vão às roças por nenhuma via hão-de pelejar com cousa nascida, porque não nasce a roça de amuada. Em nascendo o menino, logo lhe fazem arco e frechas, e lhas dependuram nos punhos da rede, em que dorme com alguns molhos de diversas ervas, que são os contrários que há-de matar. Juntamente em nascendo o menino, metem-no em um pote, e tangem-lhe com uns cascaveis pera que seja cantor.

Do costume que têm em agasalhar os hóspedes

A maior honra que esta nação faz aos que hospeda, é agasalhá-los com choro e lágrimas, o qual é muito pera ouvir, e foi uma das grandes solenidades, com que éramos recebidos nas Aldeias, o sermos chorados por vezes de mais de 2000 almas juntas, com tanto sentimento e lágrimas que é cousa espantosa. Neste choro, com que recebem aos que bem querem, renovam muitas mágoas que passaram, como morte dos seus, guerras, infortúnios, que sucederam, depois que uns dos outros se apartaram; a isto acrescentam outras cousas, provocadoras todas elas de grã mágoa e dor. Entrando o hóspede na casa, lança-se em uma rede sem falar palavra alguma; as mulheres se assentam junto dele, pondo-lhe as mãos nos giolhos, braços, ou qualquer outra parte do corpo, com os cabelos derrubados sobre o rosto, o choram com vozes muito altas; o mesmo fazem os homens, mas acabam em breve. Acabado o choro que dura por bom espaço de tempo, o saudam com esta palavra, *ereiupe*, que quer dizer *vieste*. Ele responde *ajuroupá*, que quer dizer *sim;* e dizendo algumas cousas brevemente lhe trazem o comer. Acabado o comer e descanso, então contam ao que vêm, e dão seus recados a quem os trazem; e enquanto estão naquele lanço de casas são mui bem

providos, e nunca enfadam por mais dias que estejam, porque se prezam e têm por suma glória serem tidos e havidos por liberais; e se o mensageiro traz mulher pera haver de estar de espaço, logo lhe dão sua roça, pera que coma livremente como morador e faça dela o que mais lhe vier à vontade, e quando se vai lhe dão a melhor peça que têm em sinal de benevolência e por memória.

Do costume que guardam em seus bailos e cantos

Não têm mudanças algumas no bailar. Todo o seu está em contínuo bater de pés no chão ao som de um cabaço cheio de umas fruitas pequenas e mui duras, de que eles fazem remais de contas mui galantes; e nunca bailam sem cantar; e com este canto e bater de chão vão em fileiras homens e mulheres, que estas de ordinário são tiples, e os dextros nesta arte são entre eles mui prezados, tanto que se têm em seu poder algum contrário, bom cantor e inventor de trovas, que entre eles são raros, como a insignes na arte lhe dão a vida e o têm em muita conta só pela música, que é o único remédio com que alguns se livram de morrer no terreiro. Com os braços e corpos fazem alguns meneios ou momos de várias maneiras, em particular com a boca, olhos, rosto, o que é mais particular das mulheres, quando bailam sós, cujo canto difere muito do dos homens, assim na toada como na letra. O seu cantar é de ordinário de noite, porque com a quietação dela dizem se ouve muito longe. Além de alguma consonância que nas vozes se enxerga, e põem toda a força em a lançar, são mui importunos nestas músicas, porque começam umas vezes pola manhã, e levam uma e duas noites, 3 e 4, sem dormir quase nada, com cantar e bailar sem cessar; e posto que os ouvi muitas vezes, o que sobretudo me pasmou foi ver 50 Índios remeiros, que nos traziam de S. Vicente, começarem a remar ao sol posto, e, juntamente a cantar e, sem interromperem do remo nem das vozes, levarem a noite toda em puro grito sem enrouquecer até às 9 horas do outro dia, em que aportamos em terra, que, se isto não fora, ainda agora me parece que cantaram; e a graça é que ordinàriamente repetem a mesma cantiga, levando sempre a mesma toada, as quais eles compõem de qualquer sucesso em que se acham.

Assi que a 2.ª bem-aventurança destes é serem cantores, pois a primeira é serem matadores.

Do costume que têm em chorar os mortos, e de como os enterram

Tanto que o doente se acha mal, mandam chamar toda a sua parentela, a qual não falta, por mais longe que a tenha e remontados no parentesco. Em o doente fazendo algum termo, logo se lançam sobre ele, de modo que lhe apressam a morte, e o começam a chorar tão alto, de modo que se vão às nuvens, e arremessam-se no chão com tão grande pancada, que é espanto não morrerem. Isto fazem os que não podem chegar ao defunto. Os mais se lançam na rede sobre o defunto, outros se põem em cócoras, elas descabeladas, e com tantos trejeitos, que bem representam as pérficas dos antigos. Não vi eu neste gentio cousa mais

medonha, porque levado do desejo de ver o com o se haviam nestes passos, me quis achar à morte de um índio; e se se há-de falar verdade, algum pavor natural me sobreveio deste espectáculo, que na verdade os urros de uns, os gatimanhos de outros, as quedas destas, os meneios feios daquelas, representam uma tragédia muito pouco aprazível. Adverti contudo que tanto que me viram junto a si, pararam súbito, mas logo tornaram a continuar com sua triste lamentação. Fica-lhe contudo a memória desta minha visita, porque em louvor do morto em qualquer ocasião a devem contar, e assim fica pera netos e bisnetos, quando contarem dos mortos o como o *Paí Jacomi xerapi do Paí Guaçú* esteve na morte de fulano; e isto tenho por brasão e honra daquela grande família.

Depois de chorado o defunto, levam-no e pintam-no com mil pinturas; acabado isto enovelam-no todo à roda com fio de algodão, de modo que lhe não parece parte alguma do corpo; cobrem-lhe o rosto com uma cuia, que é a metade de um cabaço; e posto em cócoras o metem em um grande pote, no qual lançam tudo quanto tinha e usava, porque vendo-as os seus não tenham matéria de mágoa: tapam mui bem a boca do pote, e metem-no debaixo da terra; sobre a sepultura lhe armam uma casa, aonde lhe levam todos os dias de comer; e em quanto estão anojados, os parentes e parentas o choram de dia e de noite, em turno, começando uns e acabando outros. No 2.º dia depois do enterramento, cortam as mulheres os cabelos muito rentes, que é o mor sentimento desta nação, que põem a fermosura nos cabelos, os quais têm negros como corvos, e há muitas que depois que perdem o primeiro marido nunca mais casam, guardando continência, e assi nunca mais entram nas festas dos vinhos nem em seus bailos e cantares. Tiram o dó, que é o mesmo que deixar de chorar, quando lhe parece, tosquiando-se os homens, e cingindo-se de preto, e bebendo fortemente por alguns dias.

Muitos outros costumes tem este gentio, de que me informei, mas por serem cousas de tão pouca sustância, como as que tenho escrito, as deixo, por não parecer curioso e demasiado. Mas não deixarei contudo de apontar algumas cousas notáveis dos animais, bichos, e aves, desta Província.

Dos veados e antas

São muitos, nas espécies e número, os veados deste Brasil. Aos maiores chamam *suaçupara*, quer dizer veado torto, o qual nome lhe deram, respeitando a armação muito grande, que tem, e cheia de galhos, porque em cada uma das pontas tem mais de 15. Há muitos desta casta. Não os comem os Índios. Rezão: porque têm pera si que comendo-os lhe nasçam semelhantes pontas. Dos nervos destes, e canela , fazem os Carijos cordas, nas quais atam umas bolas com que atiram aos pés da caça, e dos homens, e nenhum tiro arremessam em vão.

Há outros mais pequenos, aos que chamam *suaçupitanga*, veado pardo; são prezados dos Índios e comem-nos, porque não têm cornos. Há outros chamados *suaçuetem*, veado verdadeiro: tem umas pontas mui pequenas mas muito agudas; correm pouco, mas saltam sobremaneira, de modo que os cães os não tomam, mas perseguem-nos tanto que os fazem lançar ao mar, aonde estão os índios com suas jangadas, e os tomam, não lhe valendo nadarem melhor do que saltam e correm em terra.

Há também gamos, a que chamam *suaçutinga*, veado branco, não porque

sejam brancos, mas por terem a barriga e rabo branco. Estes não os tomam com cães pelo muito correr. A armadilha é tomarem alguma cousa branca na mão, e acenarem-lhe com ela. A isto acodem e como vêm a tiro de frecha os matam. Também os tomam em redes de cipós, que armam quase em círculo, e os índios, tintos de branco, os vão metendo dentro como boí[z] de pássaros com perdizes, até que fecham de todo o círculo e os tomam às mãos. Nestes se acham algumas pedras de bazar, que querem competir na bondade com as bazares mais finas. Há mais, além dos que apontamos, cinco castas, uns maiores, outros menores,

Há muitas antas, a que chamam *tapira*. A carne difere pouco da nossa vaca, no sabor, posto que me pareceu de ventagem uma vez que dela no mato nos fizeram seu presente os *Aimurés*, trazendo-no-la já assada a seu modo, de moquém, que se faz nesta forma: fazem uma cova no chão; enchem-na de brasas; sobre elas botam uma camada de folhas de bananas, que são mais altas que um homem, e de largura de dous ou três palmos; e depois de a cobrirem com outra camada lhe lançam terra, de modo que tapam a cova. A carne se vai ali assando com tal têmpera, que leva ventagem a toda a mais invenção de assado, na limpeza e na tenrura e sabor.

Tem no focinho um palmo de tromba, que lhe serve de mão com que apanha o que come. Tem os olhos pequenos e encovados. Será de altura de um jumento, mas mui envolta em carnes. Tem as pernas grossas. Peleja com os dentes, que serão como de mula, mas leva tudo o que alcança. Nadam sobremaneira, e muito mais megulham, porque passam rios mui largos de banda a banda, e andando debaixo da água. Em pequenas são mui lindas e pintadas, depois crescem e aborrecem, mas fazem-se mui caseiras e mansas. Sustentam-se das fruitas dos matos. Criam nas entranhas pedras bazuares, que os Franceses resgatavam aos Índios em igual preço que o do ambre.

Dos porcos monteses

O comum mantimento deste gentio é a carne de porco montês, dos quais há sem conto, tanto que dizer entre eles traz carne do mato é o mesmo que trazer porco. São gostosos e mui sadios e vários nos nomes e grandeza. A uns chamam *taiaçuetem*, que quer dizer, porco verdadeiro, os quais em cousa nenhuma se diferenciam dos nossos, salvo em não terem rabo, e juntamente em terem um buraco no espinhaço por onde lançam um cheiro, que é o faro dos cães. Correm pouco, e matam-nos com facilidade. Servem-lhe os dentes a estes de cepilho e prainas, com que fazem lisos seus arcos e frechas; e com as sedas dos lombos pintam os Índios a louça com mil lavores.

Há outras, a que eles chamam *taiaçutirigua*, porco que bate os dentes. Estes matam os cães muitas vezes; não andam juntos, mas à volta dos verdadeiros, como homiziados. São mui pretos, e maiores, e boa carne. Há outra casta *taiaçupigtax*, que quer dizer porco que faz finca pé, ou que aguarda. São mui peçonhentos, de ordinário matam os cães e logo os comem; e os Índios, se não se sobem a árvores, correm o mesmo perigo. Há outros, a que chamam *taiaçetu* (é nome próprio), bravos sobremaneira, mas não ousados que acometam gente. São daninhos, e a roça em que dão lá vai em uma noite, porque, depois de fartos, arrancam sem cessar todo o mais mantimento e legumes.

Das cotias

São pouco maiores que um coelho. Têm nos pés e mãos três dedos com suas unhas, que mais parecem de cabra que de coelho; têm os cabelos compridos e mais amarelos, de modo que correndo inteiriçam o cabelo, e parece açafrão mui fino. É das boas carnes destas partes, e mui ordinária, por haver muitas. Seu mantimento são frutas, as quais, tomando nas mãos, se assentam e comem ao modo de bugio, e os sobejos escondem pera seu tempo. Recolhem-se em covas na terra ou tocas de pedra ou de árvores, aonde as tomam com facilidade. Criam estes Índios em suas casas muitas, que são mui lindas e mui domésticas, tanto que vão e vêm com os Índios à roça, à fonte, e ao mais serviço, como cachorrinhos.

Há outros a que chamam *acotimerim*. Este me parece é o mais fermoso e limpo animalejo, que vi nestas partes: é pardo sobre amarelo, o cabelo mui brando e mimoso, tem o rabo mui comprido e cabeludo; são do tamanho de uma doninha, os olhos grandes, comem frutas, andam de salto pelas árvores, e se delas as sacodem logo as tomam. Há poucas. No Cabo Frio vimos algumas. Domesticam-se fàcilmente, e são uma pérpetua recreação de uma casa. Mas morrem fàcilmente, por serem mui mimosas.

Das onças ou tigres

Há muita cópia destas feras nestes matos do Brasil. São várias nos nomes. A umas chamam *iaguaretê:* estas são malhadas de pardo, preto, amarelo e branco, com tal proporção lançada, que parecem mais artificiais que naturais; têm o rabo mui comprido, mui grande à feição de gato, o peito largo, as mãos grandes e armadas com crueis unhas. Serão da grandeza de um bezerro de ano. Destes animais têm os Índios extraordinário medo, porque depois que começam a gostar carne humana, ficam tão atrevidos que dentro das casas matam os Índios, e por este respeito aconteceu despovoarem-se Aldeias inteiras. Tem este animal tão grande força na bofetada, que dá com a mão, que da primeira pancada abre em muitos pedaços a cabeça de uma vaca ou qualquer outro animal. Cuida o gentio que estas onças, as quais são verdadeiros tigres, em outro tempo foram gente, e quando as encontram se põem à prática com elas; faz isto crente verem eles que escutam e esperam quando lhe falam. Tem só os três primeiros saltos, os quais, se dá em vão, fica tão cansada que com facilidade a matam. É o imigo desta fera o cão, do qual têm tão grande medo que só com o ouvirem ladrar se encostam às árvores, e as matam com facilidade, e eu vi peles de 9 ou 10, que em breve, ajudado de cães, matara um índio, em um curral, aonde nos achamos. São a peste do gado e dos mais animais e nem aos peixes perdoam, porque se assentam sobre os penedos ao longo do mar, e tanto que passa o peixe se arremessa do alto, e raro é o que lhe escapa. Nesta postura me mostrou um índio uma, vindo nós de S. Vicente, a qual folguei de ver, por não estar mui longe; mas ela não deu por brados, e continuou sua pesca com descanso. Com estes tigres têm acontecido mil cousas em que os Índios se mostram animosos. Contarei só um acontecimento, que sucedeu a um índio de S. Vicente, aonde elas são mui certas.

Indo à caça dos bugios, frechou um, o qual se pendurou pelo ramo de uma árvore, aonde morreu. Foi-o buscar o índio, e lançando-o no chão, acudiu a

onça, e tomou-o. O índio de cima da árvore se pôs a pelejar com ela, porque lhe tomava a sua caça, e que fosse caçar se queria comer, e que não lhe levasse o que tanto lhe custara, e chamou-lhe muitos nomes, dizendo que era fraca e que não prestava pera nada, e que esperasse até ele descer, e que veria quão valente ele era. A onça pôs a caça, e parou às vozes do índio. Vendo ele que esperava, se desceu da árvore com muita pressa, toma arco e frechas, e começa-lhe a fazer o motim, que é o que eles fazem na guerra, saltando ligeirìssimamente de uma parte pera outra. Nisto arremessou-se a onça a ele, e ele a ela, e de tal sorte a tomou até que acudiram outros companheiros, que andavam pelo mato à caça, e amarraram-na e levaram-na pera casa, e a engordaram por algum tempo, e em terreiro lhe cortaram a cabeça, com toda a solenidade com que costumam matar a um contrário, e nela tomaram nomes. Este caso alcançaram alguns dos Nossos, e destes há muitos, porque um dos remédios que há pera escapar das onças é arcar com elas, e sugigá-las, que não possam jogar das mãos. Eu falei com um homem, o qual andou lutando com uma até que de cansados cairam; e se valeu de uma faca com que a matou, mas ele todo saiu arranhado e ferido da contenda.

Criam estas onças os filhos com caça viva pera os ensinarem a caçar. Há outras, que são todas pretas como azeviche, mui ligeiras e bravas. Há outras a que chamam, *suaçuarana*, quer dizer semelhante ao veado: são intrépidas, antes hão-de morrer que fugir, e assi faz rosto a todo o ajuntamento de gente. Chamam a estas os moradores leões formigueiros, mas em tudo são semelhantes a gatos. Há outras, a que chamam *jaguapitanga*, onça ruiva: são estas a destruição total das galinhas, e onde entrão tudo levam. Sós não são muito ousadas, mas de companhia acometem a todo o homem. São como bons rafeiros na grandeza.

Do tamanduá

É este animal do tamanho de um bom cão, tem o rabo mais comprido que o corpo, fornecido com sedas aventejadas na grossura às do porco: serve-lhe de casa, porque com ele se cobre todo e defende do sol e da chuva; tem a cabeça muito pequena, e o focinho mui comprido, a modo de um funil, a boca estreita, capaz só da grossura de um dedo, a língua comprida, 3 ou 4 palmos, redonda e delgada, as mãos e pés curtos, grossos, e fortes, e neles quatro unhas como dedos de homem, mas mui agudas, e tudo o que alcança entre os braços mata, seja tigre, onça, cães, ou homens, o que faz ensopando na presa mui amiudamente as unhas. E esta é a causa porque a ninguém teme, a todos espera. Alevanta-se nos pés, e sobre eles se sustenta muitas vezes como urso. O corpo é talhado de preto e branco. Seu mantimento são as formigas, as quais cavando-lhe os formigueiros, faz sair debaixo da terra e com a língua as apanha, e desta maneira passa a vida. Há outros mais pequenos, a que chamam *tamanduá merim*.

Não comem os Índios estes animais, porque não correm, e eles têm pera si, que as naturezas e condições daquilo que comem se muda nelas.

Do tatu

A este animal chamam comumente cavalo armado, pola muita semelhança que tem com ele; são alguns como pequenos bezerrinhos; anda acobertado de

lâminas, lançadas umas sobre as outras, e dobradiças, de tal dureza que as não passa frecha; também traz as mãos e pés acobertados de umas lâminas mais miudas, que as do corpo; nas orelhas, e focinho parece cavalo. Têm quatro unhas do tamanho de grandes dentes de porcos javalis, com que cavam a terra; têm o rabo à feição do do lagarto, cheio de lâminas como as demais partes. É animal pouco nocivo, sustenta-se de minhocas e de outras savandijas semelhantes. A um Padre nosso, que estava em uma Aldeia, sucedeu virem-lhe dar recado que estava um destes cavando em certa parte. Pera o tomarem, mandou muitos índios, os quais começando a cavar, se via mover a terra com tanta velocidade, como se correra por partes desebaraçadas, e em lhe atalhar tiveram sumo trabalho. Querem dizer os Índios que faz a cova com tanta presssa que lhes leva ventagem ao correr.

Há outros, a que chamam *tatupeba*, cavalo largo; e a outro chamam *tatugaíxima*, tatú que lhe escorrega o rabo; a outros chamam *tatu opara*, tatu torto, o qual nome lhe deram porque sentindo alguém, enroscam-se como ouriços cacheiros, e não há forças que os quebrem; botam-nos em água, e nela se abre, e assi os matam. Há outros pequenos a que chamam *tatuig*. Querem os moradores destas partes que seja a melhor carne que cá se come; é alva e como titelas de galinhas, das quais não difere no gosto; e destes se faz bom manjar branco.

Do coandu guaçu

Este é o verdadeiro porco espinho, o qual não se cria nesta costa junto ao mar, mas pelo Sertão dentro, nas ribeiras do Rio S. Francisco, como os viram alguns Padres nossos naquelas partes, e de quem tomei esta relação. Tem uns espinhos em lugar de cabelo mais de palmo, grossos como penas de patos, mui agudos, talhados de preto sobre o branco. Estas são as suas armas com que se defendem, despedindo-os de si como setas. Há outros mais pequenos, *coandu mirim;* estes não despedem os espinhos posto que os tenham como os maiores. Há outros a que chamam *coanducoim*, do tamanho de gatos, os espinhos são amarelos e a ponta preta, pouco cabelo, mas comprido. Tem uma particularidade mui notável, e é que estes espinhos, tanto que pegam com a ponta em alguma cousa, como se tivessem vida, se vão metendo pola carne, até de todo se ensoparem nela. Com estes furam os Índios as orelhas com muita facilidade, e quase nenhuma dor. São noturnos, porque nunca se encontram de dia.

Do eirara

Há três castas destes animais. Seu mantimento comum é mel, e a isto tomam o nome de *eirara*, que quer dizer colhedor de mel, no que são estremados oficiais. Contam os Índios que guardam em o colher este modo, que é quando algum dá com alguma abelheira, ajunta os eiraras, e o maior é o que entra na toca ou concavidade, onde está o mel, e dela o desencova, dando-o por sua ordem aos que estão de fora, até que o tiram fora. Acabada a cresta ajuntam tudo, e o comem irmãmente.

Os grandes são pretos, excepto a cabeça, que é branca. Há outros, a que chamam *eiraramerim*, mais pequenos, e estes são todos pretos. Há outros, a que

chamam *eiratinga*, que quer dizer branco, e são os mais pequeninos. Um Padre, que os viu, me disse que lhe parecia que estes eram de algália, e que tendo feito muita diligência nunca pudera haver um, por serem mui bravos e ligeiros. Estes, além do mel, são grandes caçadores de pássaros.

De várias castas de bugios

O maior entre os bugios se chama *aquaqui*. Será no corpo como um moço de 12 ou 14 anos, bem fornido; são mui louros; o não terem rabos ficaram índios nas feições. Entre as cousas mais notáveis, que neles se observam, é ajuntarem-se em certas horas do dia, e o maior deles se põe no meio de muitos e começa um canto ou fala, mui alta, que se ouve de longe, o que faz com tanta eficácia, que escuma pela boca. Logo acodem dous dos mais pequenos de uma e outra parte, que o alimpam. Acabada a prática, que dura por bom espaço, todos juntos em grito fazem grande aplauso e se vai cada um por sua parte buscar de comer. Quando querem passar de uma árvore a outra o maior serve de ponte, pela qual passam os pequenos e doentes. As fêmeas trazem os filhos de ordinário às costas, e lhe dão de mamar, ao modo que o faz uma mulher, tomando a criança nos braços, e amimando-a de mil modos. Os Índios, quando frecham alguns destes, se logo não cai, fogem quanto podem, porque arrancam a frecha e fazem tiro com ela como se a despedissem do arco, e já aconteceu acharem-se alguns mortos pelos bugios. Tem estes uma barba mui comprida e ponta aguda, que lhe dá muita graça.

Há outros, a que chamam *berequig*, são da mesma grandeza, que os *aquequis*, mas mais fermosos, e mais malenconizados. Há outros mais pequenos, mas mui astutos, não andam senão de noite, têm forte cenreira com os índios que caçam neste tempo, os quais trazem de espreita, e assi o seu é verem onde põem o que trazem para comer, e furtam-lho. E nisto se ocupam.

Há outros, do tamanho e pouco maiores que gatos, chamam-lhe *saaguí*. Estes são de várias castas uns pardos, outros amarelos, como leõezinhos, outros meios pretos e meios amarelos, e de uns e outros se acham alguns que cheiram excelentemente. E desta casta era um que cá me deram, de muita estima e de mui boas carinhas, que mandei a V.ª R.ª, mas parece que só chegou a pele como me escreveu o Ir. Diogo Martins.

Do miarataca

É do tamanho de um gato, na feição assemelha-se ao furão. Terá pelo fio do lombo três dedos em largo de cor preta, e desce, na mesma forma polas espáduas até às mãos, fazendo uma bem feita cruz, assentada sobre branco. Mantém-se de pássaros, ovos, é contínuo nas praias, em as quais espera o âmbar para o comer, e entupido a ninguém teme, e ele de todos é temido, defendendo-se com tão mau cheiro, que de si lança que nos paus, pedras, a que abrange, dura por muito tempo; com ele pelam os cães e morrem, e do mesmo morreram já alguns índios; é eterno no vestido em que deu. Na Serra do Rari se acham estes animais como nas mais partes do Brasil, mas não tão insofríveis no cheiro, porque

os criam os Índios, e têm-nos em grande preço, porque têm pera si que enquanto os tiverem não hão-de morrer; e pera este efeito os buscam com notável diligência, e os põem debaixo das redes em que dormem pera que os defendam da morte.

Das cobras

A maior de todas se chama *giboìoçú*. Engolem um veado inteiro, são manchadas de preto e pardo, com muita graça. Um Padre me disse vira uma de comprimento de 20 pés. Indo nós visitando as Aldeias de Pernambuco, vi uma de estranha grandeza e grossura. Fez-me pouco medo por estar morta. Mandei-a medir, tinha de comprimento mais de 20 palmos, de diâmetros mais de um palmo e meio. Mantém-se de caça, pera o que se põe em veredas por onde ela passa, e de salto se enrodilha nela e aperta de tal sorte, que lhe moi todos os ossos, e porque às vezes comem vacas, e não são tão fáceis de morrer, com o rabo por detrás lhe vai tirando todas as tripas, e assi a mata.

Há outras, a que chamam *guirá apiaguara*, que na língua brasil quer dizer comedeira dos ovos dos pássaros. São muito compridas e delgadas, vivem nas árvores, e por cima delas andam com tanta velocidade como se fossem pássaros. Têm dentes roliços e crueis, mas sem peçonha.

Há outra, muito comprida e grossa, chama-se *carunana*. É verde e mui fermosa, mantém-se de aves, ovos, pintãos. Não é peçonhenta.

Há mais outra, chamada *boítim apoá*, quer dizer cobra que tem o focinho comprido. É mui feia, comprida, delgada. Mantém-se de rãs e bichinhos. Têm os Índios este agouro: quando a mulher é maninha, tomam esta cobra e açoutam-na com ela pelos lombos, então dizem que logo hão-de ter filhos. A estas, aonde quer que as acham, não as matam. Afora estas há muitas outras, assimgrandes como pequenas, as quais não têm peçonha alguma.

De peçonhentas há sem conto, e de cujas mordeduras morre muita gente. A umas chamam *jararacas*. As mordeduras destas são mais venenosas à tarde que pola manhã, e são tão fecundas nos partos que parem até 64, de cada vez, como experimentaram os nossos Padres. São pardas, têm, pelo fio do lombo, uma cadeia preta mui galante. Há outras que chamam *jararacas soatinga*, que quer dizer jararaca que tem a ponta do rabo branco. Os mordidos desta raramente escapam. Há outras, não mais de um palmo de comprido, de cor de terra. Aos que mordem fazem arrebentar o sangue por todos os meatos do corpo, com dores extraordinárias, e nenhum escapa. Há outras a que chamam *surucucu*, mui grande, e peçonhenta. Têm dentes como de cão. Têm na ponta da cauda uma unha não muito dura e delgada, encostam-se aos troncos das árvores de modo que não há divisá-las, e de salto se arremessam à presa, à qual com a mordedura e com o rabo lhe desentranha tudo. Tem-lhe esta nação mui particular aborrecimento pelo ofício que tem de desentranhar com o rabo os animais, do que por sua peçonha que é tão fina que corrompe tudo aquilo em que dá, desfazendo-se pedaço em pedaço até os ossos. Há umas, que chamam *boìteninga*, cobra que soa, por terem no rabo uns cascavéis, os quais soam por bom espaço: são ao modo de tremoços ou favas de Alentejo, metidas nas bainhas. São irremediáveis suas mordeduras, pera o que a natureza lhe deu este sinal, que serve de aviso a quem

no ouve; são mui mal inclinadas, e correm após aqueles, que querem morder, com tanta velocidade que parece que voam, e por isso lhe chamam os Índios *boigbebe*, cobra que voa. São amarelas, tiram alguma cousa pera pardo. O melhor remédio que há contra a mordedura destas, é cortar com muita pressa o membro, que elas mordem, e assi o curam os Índios. Há outra, a que chamam *ibigboboe*. Os Portugueses lhe chamam *cobra de coral*, e não se viu escapar nenhum em que mordessem, nem mordem senão depois de as assanharem ou pisarem. São repartidas de fino branco, preto, vermelho, que não há mais que ver. Disseram-me alguns Padres que as maiores seriam de quatro palmos; contudo em uma Quinta nossa ou Tanque, como cá lhe chamam, desta Baía, me achei junto a uma fonte, perto da qual em um terreiro andava uma que era sumo prazer de ver. Matamo-la. Mas tinha mais de cinco palmos de comprido. Quem não souber o que é aquilo, sem dúvida o toma na mão pela beleza de suas cores.

Desta savandija há infinitas castas, que deixo, e as mais delas vi eu cá. Acha-se esta mercadoria mui barata, tem-se notado nesta Província, com os nossos Padres andarem pelo Sertão e viverem em Aldeias aonde é a mor criação, pela bondade de Deus, depois que a Companhia está nestas partes, nunca Padre nosso, nem Irmão, foi mordido de bicho peçonhento, acontecendo cada dia mil desastres destes.

Da variedade de pássaros

Das araras

É a arara um género de papagaios mui grandes e mui fermosos, pela variedade de penas com que a natureza os vestiu. São vermelhos na cabeça, peitos e costas, as asas verdes, manchadas de azul mui fino, da mesma cor é o rabo, posto que salpicado de vermelho. Têm o corpo semeado de penas verdes e amarelas. São mui estimados deste gentio, porque das penas fazem mil galantarias, e de ordinário não nos tem senão algum Morubixaba. Falam mui bem e tudo o que lhe ensinam tomam com facilidade. São mui domésticos, fáceis de manter, porque tudo comem. Chamam-lhe os brancos *macaus*. Há outros, a que chamam *canindés*, das mesmas feições do corpo, que sempre serão do tamanho de um bom galo. Diferem nas penas. São amarelos; pelo peito, barriga e rabo e costas, é um azul finíssimo. Falam mui alto e claro, são tão mansos, que das casas se vão ao mato buscar de comer e se recolhem a elas à sua hora. De ordinário andam bricando com os meninos como cachorrinhos. Uns e outros não criam nesta costa do mar senão no Sertão, e dele vêm em arribações como tralhões no verão em Portugal. Há outros a que chamam *Anapurus*, tamanhos como os acima ditos. Estes não se acham senão nos Carijos, que é abaixo de S. Vicente, donde trouxemos uns dous. Estes são os mais fermosos pássaros que há nesta parte, e não sei se a natureza formou outros mais belos, porque todas as cores tem, e todas elas salpicadas com tanta graça, que é pasmo. São domésticos sobre os mais, porque como pombas criam em casa.

Por fim, são papagaios: há 20 e tantas castas, todas diferentes umas das outras.

Do ainambig

Há destes pássaros muitos e mui vários. São mui pequenos, mantêm-se do orvalho das flores, e o maior chamado *guueracicam*, que se não poderá igualar com uma firifolha nem carriça. É a pena deste passarinho a mais fina que há nesta Província: têm na cabeça um barrete ao qual se não pode dar própria cor, porque posto de uma parte, não há cetim mais vermelho, da outra fica finíssimo preto, e conforme a variação da postura, eles variam as cores, com mil graças; o papo padece a mesma variedade, representando-se já amarelo, já vermelho, já fino verde; o corpo é pardo todo sobre dourado, com uma cor vivíssima; têm o bico mui comprido e delgado. No voar e toar parecem besouros. Há outros, a que chamam *arataca*, todo coberto de um azul escuro, mas mui fino, manchado de verde mui aparazível; outros há verdes sobre dourados; outros do tamanho de um besouro, finíssimos, e nas cores são os próprios. Este género de pássaros tem uma particularidade mui notável e praticada entre os Índios, que a observaram: e é formarem-se muitos deles das borboletas, o que mostram no voar, o que me disseram os Padres não ter dúvida, por tomarem muitos meios pássaros e meios borboletas, e logo o mostram no voar. Também esta curiosidade pode servir, pera os mestres dos cursos, e ajuntá-la aos cães que se tornam peixes, de que cá também há notícia.

Do guiranheenguetá

É pássaro pequeno, do tamanho de um pintassilgo, preto pelas costas, e por baixo amarelo, com um barrete da mesma cor, que o faz mui gracioso. É o pássaro mais músico de quantos há nesta Província, porque arremeda a todos os mais, e por isso o chamaram *guiranheenguetá*, que quer dizer pássaro que fala todas as línguas de todos os mais pássaros. São mui prezados. Estes são os que de ordinário se conservam cá em gaiolas. Há outro do mesmo tamanho, chamado o *calcuriba*. É de várias cores, mas tira mais pera o azul que pera outra, as penas das asas são amarelas, os pés vermelhos. Destes há cá muitos e são mui prezados. Também tocam de cantores.

Do tangará

São estes pássaros do tamanho de um pardal, mas pretos e mui luzentes. Na cabeça têm um barrete de finíssimo laranjado. Nota-se neste pássaro uma cousa mui notavel, e é dizerem que tem acidentes como de gota coral, donde nasce não os comerem os Índios, porque lhe não pegue aquela doença. Observa-se neles um género de bailo gracioso, e é ajuntarem-se sobre as árvores quando algum deles lhe dá aquela dor, de que fica como morto, e tomando-o no meio de um perfeito círculo ou roda, que todos fazem, se mudam por ordem uns dos seus lugares pera os dos outros com grande estrondo e sobios, e desta ordem se saem de quando em quando, que vão picar no que está enfermo, até que o espertam, e dando um grande assobio se vão pera diversas partes; e às vezes andam tão enlevados nestas mudanças que os Índios os tomam às mãos. Tirando este seu bailo, posto que em si sejam galantes, são malenconizadíssimos. Cá me ofereciam alguns pera esse Colégio de V.ª R.ª Não nos aceitei por arrecear o clima.

Do guirá ponguá

Será este pássaro do tamanho de um picanço, branco como neve, parece um sino no gritar e repicar ou variar de voz, pelos matos se ouve mais de meia légua, andam sós, e respondem-se uns aos outros por compasso.

Há outros como petos. Estes trazem um capelo de vermelho finíssimo. Têm um bico mui rijo, e dá tão grandes pancadas com ele em os troncos das árvores que se assemelham a golpe de machado; e, gritador de ventagem, ouve-se uma légua e mais.

Do agnima

É do tamanho de um grou, de menos carne, é baço na cor; tem a cabeça mui grande, os olhos fermosos, o bico pouco maior que de um galo, mas sobre ele junto às ventas lhe nasce um corno de mais de um palmo, duro e dificultoso de quebrar; nos encontros das asas tem dous ferrões, feros, e de comprimento de um dedo, muito agudos nas pontas, e com eles pelejam e se defendem. Vivem de ordinário em lugares alagadiços e ao longo dos rios; comem erva como bois, e dela se mantêm. A ponta desta ave dizem os Índios que restitui a fala a quem a perde. A um Padre nosso sucedeu o seguinte caso. Estava uma índia havia 5 dias sem fala, e muito no cabo; rezou-lhe o Evangelho de S. Marcos, e juntamente lhe lançou ao pescoço a ponta desta ave, e logo súbito falou e sarou. Dêmos esta maravilha ao Santo Evangelho, contudo me dizem que é experiência de muitos anos, entre estes Índios, e que se acha ser aprovado.

Dos guarases

Este é o mais maravilhoso pássaro desta Província. Será do tamanho de um bom galo pernialto; o bico mui comprido e da feição da uma colher; em pequeno é preto, indo crescendo se faz pardo, e depois que voa se torna todo branco como neve, e desta cor se vai mudando em um vermelho não muito claro, até que vem a dar em uma púrpura ou escarlata finíssima. São infinitos. Vivem ao longo do mar aonde é pera ver as praias alcatifadas de vermelho. Vi as árvores vestidas da mesma cor. Não vi neste Brasil cousa mais pera notar nem pera desejar de se ver com toda a curiosidade. Andam em nuvens como zorzais, e o que sobretudo notei é que quando se vão recolher, sobre a tarde, se põem todos em fileiras uns de trás dos outros, com tanta ordem, como se ordenassem alguma procissão, e quando voam têm muita graça o vermelho com a reverberação do sol. E são mui domésticos, criam-se com facilidade. Pelas penas destas aves faz muito este gentio, porque lhe servem pera diademas da cabeça e pera galantearem as espadas e outros ministérios semelhantes.

Afora esta variedade de árvores, de aves, e animais, há outros sem conto que deixo, como sabem, as muitas fruitas, árvores e madeira destas partes, que são de estima.

[*Vitae 153*, 54-66v]